1256

Antonio da F.

236

ARTE
DA
PINTURA,
SYMMETRIA,
E
PERSPECTIVA,
COMPOSTA
POR
FILIPPE NUNES,
Natural de Villa-Real.

Novamente impressa, com boas Estampas, correcta, e accrescentada com o seu Index.

LISBOA,
Na Officina de Joaõ Baptista Alvares.

MDCCLXVII.
Com as licenças necessarias.

PROLOGO

Aos

PINTORES.



UANDO aprendi eſtes principios, e prática da Pintura, não foi minha tenção ſahindo com ella a luz enſinar aos Sabios, e Perîtos na Arte, mas ſó aos que a aprendem, e aos curioſos della. Moveo-me a iſto ver a falta, que ha de quem trate eſta materia, e aſſim quiz dar motivo aos que mais ſabem, de ſahirem a luz com mais experiencias, para que aſſim não cuſte tanto aos aprendizes, a quem ordinariamente os Meſtres eſcondem os ſegredos da Arte, e para que aſſim mais depreſſa ſe ſaiba. Por onde lhes digo aqui brevemente o mais commum, e que mais communmente ſe coſtuma a uſar; porque uſando irão deſcobrindo mais ſegredos. Para os Meſtres po-

dem ſervir os principios da Perſpecti-va, por ſerem tão importantes para o bom uſo della, e juntamente a Symmetria, de que ha tanta falta nos liniamentos, que ainda Pintores, que ſabem muito bem colorir, os não ſabem, donde vem haver tantas imperfeiçoens nas figuras. Emende, e accreſcente quem ſouber, e aprenda quem não ſouber, e todos dem gloria ao Senhor. Qui vivit, & regnat per omnia ſæcula ſæculorum.

LI-

LICENÇAS.

DO SANTO OFFICIO.

PO'de-ſe reimprimir o livro, que ſe aprezenta, intitulado: *Arte da Pintura*, e depois voltará conferido, para ſe dar licença que corra; e ſem ella não correrá. Lisboa 18. de Settembro de 1767.

Carvalho. *Thorel.*

DO ORDINARIO.

PO'de-ſe reimprimir, e depois conferido tornará, para ſe dar licença que corra; e ſem ella não correrá. Lisboa 19. de Settembro de 1767.

Coelho.

QUe se possa reimprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois tornará para se dar a licença de correr; sem a qual não correrá. Lisboa 25. de Settembro de 1767.

Affonseca. Pacheco. Castro. Craesbeck. Viegas.

PO'de correr. Lisboa, 15. de Dezembro de 1767.

Carvalho. Thorel.

PO'de correr. Liboa, 16. de Dezembro de 1767.

Coelho.

QUe possa correr. Lisboa, 19. de Dezembro de 1767.

Com quatro Rubricas dos Ministros do Desembargo do Paço.

IN-

INDEX
DO QUE SE CONTEM neſte livro.

Ex-

LOUVO-



LOUVORES DA PINTURA.

HE a Pintura huma Arte tão rara, e tem tanto que entender, e mostra tanta erudição, que deixo de lhe chamar rara, por lhe chamar quasi Divina, e não digo muito; pois he tão rara, e excellente, que toca quasi a conhecimento Divino, ter na mente tão vivas as especies das cousas, que assim se possão pôr em prática, e Pintura, que parece que lhe não falta mais que o espirito. Testimunho desta verdade he aquella historia celebrada da contenda de Zeuxis, Heracleotes com Parrhasio, como conta Plinio *lib.*35. *cap.*10. que pintou com tanta propriedade hum

cesto de uvas, que as aves do Ceo se vinhão a ellas cuidando que erão verdadeiras; e a toalha, que Parrhasio pintou, tanto ao natural, que enganou com ella o mesmo Zeuxis.

Budeo *in l. Athletas, ff. de his, qui notantur infamia*, diz que houve antigamente Pintores tão insignes, que não só fazião Iconicas imagens, senão tambem as Ethicas. Chamã Iconicas imagens, porque era costume em a Cidade Olympia, donde se disserão jogos olympios, que áquelles, que vencião tres vezes a estes, lhes fazião retratos do tamanho do seu corpo, e muito ao natural, a estas chamão Iconicas, e as Ethicas quer dizer que mostravão ao vivo os costumes, e natureza de cada cousa.

Não só deleita, e agrada aos olhos a Pintura, mas faz fresca a memoria de muitas cousas passadas, e nos mostra diante dos olhos as historias muito tempo ha acontecidas. Serve mais a Pintura, que vendo pintadas as façanhas, e casos illustres, nos excitamos, e animamos para commetter ou-

tros

tros femelhantes, como fe as leramos em hiftoriadores. S. Damafceno *fidei orthod. cap.*17., e S. Greg. *lib.*9. *Epif.* 9. *ad Serenum Epifc.* fallando a efte propofito, diz affim: *Sunt quidem picturæ indoctorum hominum libri, & fcripturæ; nam quod legentibus fcriptura, hoc idiotis præftat pictura cernentibus: in ipfa & ignorantes vident quod fequi debeant, & in ipfa legunt qui literas nefciunt.* E ifto de S. Gregorio fortalece, e corrobora o fegundo Synodo Niceno, *act.* 2. & 4. aonde próva com ditos de Sanctos como a Pintura bòa, e de doutos Pintores (que a Pintura roim ferve de rizo a quem a vê) he mais poderofa para mover o affecto, que a hiftoria. S. Chryfoft. *orat. quod vet. & nov. teft. unus fit legiflator*, diz que teve fempre em muita eftimação huma pintura, que tinha colorìda com côres de cera. E S. Gregorio Niffeno, *orat. de unit. Filij, & Spiritus Sancti*, diz de fi, que muitas vezes pôs os olhos em hum painel, em que eftava pintado o Sacrificio

de Abrahão, e que jámais o vio sem lagrimas; lembrando-se da historia verdadeira; *Vidi sæpius* (diz elle) *inscriptionis imaginem, & sine lacrymis transire non potui, cum tam efficaciter pictura ob oculos poneret historiam.* Ainda os Philosophos antigos, para persuadirem aos homens a deixarem as delicias, pintárão huma taboa com as Virtudes, que todas estavão servindo como criadas (sendo Virgens, e muito formosas) a huma Raînha muito fêya, a qual estava em hum throno alto, e muito apartado; e se chamava *Voluptas*, o deleite do peccado; para darem a entender quão abominavel era aos homens servirem a quem tão mal o merecia; e assim quando querião reprehender quem não vivia bem, lhe punhão diante dos olhos esta taboa, da qual faz menção Cicero *lib.* 2. *de finibus*, e diz que a pintou Cleantes Stoico. Donde se podem reprehender os Hereges, que pertendem tirar o culto, e uso das imagens, e das pinturas, pois até os Antigos en-

tendião de quanta importancia erão.

A authoridade, e eſtima, em que ſe teve antigamente eſta Arte, ſe póde vêr do que diz Plinio *lib.* 35. *à cap.* 1. *uſque ad decimum.* De Phamphilo ſe refere, que jámais quiz enſinar o diſcipulo, que lhe não deſſe dez annos, e hum talento attico, que agora em noſſa moéda he ſeiſcentos cruzados: tudo iſto lhe deo Apelles, e Melanthio, por ſerem ſeus diſcipulos, e com o exemplo de tão grandes Meſtres procedeo em Sicyone, Cidade antiquiſſima junto a Corintho, e celebrada pela imagem da Occaſião, que fez Liſippo depois: em toda a Grecia, que os moços antes de ſaberem alguma Arte, os enſinavão a debuxar em taboas de buxo, que para iſto tinhão concertadas, ao modo que hoje coſtumão os Ourives enſinar aos que aprendem o officio: e tudo iſto era para effeito de fazerem que eſta Arte tiveſſe o primeiro lugar entre as liberaes, porque ſempre foi tratada de excellentiſſimos engenhos.

Tenhão os Pintores lugar muito honrado; (*diz F. Patricio*, *de instit. Reipub.*) porque com a honra delle se animem a procurar mayores honras; e assim dêm tambem animo aos que houverem de aprender tal Arte, como diz o Poeta: *Honor alit artem*, *&c.* Não se pejou, nem envergonhou aquelle grande Fabio, Patricio Romano; do qual se dizia que vinha por linha direita do grande Hercules; nem se desprezou de a aprender, e usar, e tanto, que della tomou o sobrenome, chamando-se Fabio Pictor. Nem a desprezou Marco Antonio Imperador doutissimo; pois a aprendeo; e exercitou com o Pintor Diogenes. Tambem lêmos de Platão, que nella se exercitou, e foi curiosissimo della. Cicero diz della, que sempre lhe foi affeiçoado: Alexandro a louva grandemente; e manda que os moços se dêm a ella, e a aprendão. O glorioso S. Lucas nella se exercitou; &c. Serve esta Arte á Esculturas, Celatura, e Architectura; que sem ella nada se póde debuxar,

Quaes

Quaes fossem os primeiros Pintores, e de quaes forão as obras antigamente mais estimadas, se póde vêr em Plinio no lugar acima allegado, desde o primeiro capitulo até os onze. Os primeiros, que começárão a usar huma só côr com que pintavão, que a natureza lhes ensinou sem arte, foi Polignoto, e Aglaophon; antes destes houve outros, dos quaes se não diz bem da sua pintura, pois era necessario pôr hum letreiro sobre o que pintavão, para se divisar que cousa era, porque pelas sombras, que as cousas fazião, por alli debuxavão: destes foi hum delles Canacho, e hoje póde ser haja muitos. Tambem houve outro chamado Calamides, do qual diz Cicero que já pintava melhor que Canacho. As pinturas de Mioron já hião sendo melhores: e dahi por diante sempre foi melhorando a Arte até o tempo de Prothogenes, Actião, Nicomacho, e Apelles, e acabárão de perfeiçoar a Arte, segundo lhes parecia, aindaque depois se achárão, e inventárão muitas cou-

ſas; porque Zeuxis, e no meſmo tempo Parrhaſio (que viverão no tempo de Socrates) muitas couſas accreſcentárão á Arte; porque a Zeuxis attribuem os claros, e eſcuros, e as luzes nas figuras, e foi tanto o que ganhou com ſuas pinturas, que já as não vendia, mas as dava, dizendo que não havia preço igual a ellas, e fez o ſeu nome de letras de ouro, que pôs na Cidade Olympia, celeberrima por ſer frequentada de todos os bons engenhos. Parrhaſio foi o que lançou as linhas ſubtilmente, e ajuntou á pintura certas couſas de Geometrîa, e foi o primeiro, que deo á pintura Symmetrîa; aindaque Plinio diz foi Polycleto, que ſão as medidas, e commenſuraçoens; e foi o primeiro, que deo a perfeição aos cabellos, e á boca, e niſto levou a palma a todos. Entre as ſuas obras de fama, foi o Archigallo, que era o principal dos Sacerdotes de Cybeles, de quem dizião que era a grande mãy dos Deoſes, pintura tão eſtremada, que deo por ella o Principe Tiberio
ſeiſcen-

ſeiſcentos ſeſtercios, que em noſſa moéda he perto de mil cruzados.

Tambem Ariſtides Thebano foi Pintor inſigne, e igual quaſi a Apelles, como diz Plinio. Eſte foi o que de hum certo modo dava vida á pintura, porque nella eſtava declarando todos os ſentidos. ElRey Attalo teve huma taboa ſua, que comprou por cem talentos. E Ceſar dictador teve duas taboas do meſmo official, que lhe cuſtarão oitenta talentos.

Filippe Macedonio, e ſeu filho Alexandre, muitas vezes ſe achavão na tenda de Apelles, pela grande recreação, que tinhão em vêr pintar, e por tanto floreceo eſta Arte tanto em ſeus tempos. De Apelles diz Plinio que não lavrava mais que com quatro côres ſómente, e o meſmo Alexandre Magno mandou que nenhum Pintor o ouzaſſe retratar, ſenão ſó Apelles. Delle diz Plinio muitas couſas. Não foi menor Thimantes na pintura de Iphigenia, que pintando a todos triſtes, pintou a Agamemnon, pay della, com a cabe-

a cabeça virada, pela grande trifteza, que fe divifava mais nelle, que nos outros; fendo affim, que a todos pintou triftiffimos.

São os Pintores de jure privilegiados, e pelo confeguinte nobres. Text. *in leg. Archiatros. C. de metalis. lib.* 12. E efta Arte, como *tendit ad ornatum Ecclefiæ*, fempre fe póde exercitar, aindaque haja prohibiçoens, como diz Bart. *in leg. prima, ff. ne quid in loco facro fiat.*

Valentiniano, Valente, e Graciano Imperadores privilegiárão aos Pintores, *leg. Pictura, C. Theod. de excufat. artificum lib.* 13. *Picturæ profeffores, fi modo ingenui funt, placuit nec fui capitis cenfeantur, nec uxorum, aut liberorum nomine tributis effe munificos, & nec fervos quidem barbaros in cenfuali adfcriptione profiteri, &c.*

Os profeffores da Pintura, fendo livres, e filhos de livres, havemos conftituido que não fejão empadroados por fua cabeça, nem que em nome de fuas mulheres, e filhos eftejão fujeitos

aos

aos tributos, que não sejão obrigados a registar seus escravos barbaros no registo censual, &c.

De tudo o que está dito se próva claramente ser esta Arte numerada entre as liberaes; porque, se começarmos pela definição, Artes liberaes se chamão, por serem Artes com que se exercita o entendimento, que he a parte livre, e superior do homem; ou Artes dignas de homens livres, e tambem liberaes, porque só se permittião a homens livres. E se ellas se chamão liberaes, porque nellas se exercita o entendimento; aonde entra mais o entendimento com todas suas operaçoens a apprehender, compôr, julgar, e discorrer, que na Pintura? He em todo Architectonica; porque se estende a significar perfeitissimamente, e dar razão de todas as obras, que fazem todas as outras Artes, e Officios. E se se chamão liberaes; porque só se permittião a homens livres, sabemos que entre os Romanos lhes era prohibido aos nobres usarem de Artes mechanicas, e

desta

desta usavão pûblicamente: logo se fora mechanica não se usára; e que se usasse pûblicamente próva a historia de Fabio Pictor, já referida: E sabemos que a usou tambem o Imperador Alexandro Severo, de quem foi Tutor, e Mestre o mesmo Vulpiano Jurisconsulto, Author desta mesma ley, e a usárão outros muitos. E se se chamão liberaes, porque são Artes de entendimento, nenhuma das outras tem tanto que aprender, como a Pintura; porque as outras em breve tempo se chega a ter conhecimento perfeito dellas; mas a Pintura, por mais que se trate, e curse nella, jámais se chega a penetrar todos os segredos della, como diz Quintiliano *Orat. instit. lib.*12. *cap.*10. E isto significão os Pintores quando pôem ao pé das figuras, *faciebat*, ou *pingebat*, usando deste preterito imperfeito, porque nenhum póde chegar ao preterito perfeito, porque sempre ha que fazer, e que saber. Donde veyo o proverbio Latino: *præstat medicum esse, quàm pictorem*, melhor he ser Medico, que

Pin-

Pintor. Disserão isto pela grande prolixidade, que tem esta Arte comsigo, e tambem porque as faltas na Pintura logo se deixão vèr, e na Medicina não: porque se hum Medico acertà a cura, he louvado por isso; mas se a erra, e mata hum homem, a terra cobre tudo, e não apparecem seus defeitos.

Donde parece que he mais que a Medicina; porque, álèm das razoens ditas, se he necessario conhecer as ervas, pedras, plantas, muito mais he necessario á Pintura, pois as ha de pintar ao natural, para se conhecerem, e nisto depende tambem a Medicina da Pintura: e se não, vejão a Dioscorides, que lhe aproveitára tratar de ervas, e plantas para a Medicina, se a Pintura não mostrára ao olho o que a penna por si só não podia. E o mesmo digo da Arithmetica, Geometria, e Perspectiva, que parece que todas se inclùem nella, e lhe são subalternadas nisto, que he formar figuras, e dar a conhecer os pensamentos, pois tudo vay por demonstraçoens, e estas não se

podem

podem fazer sem debuxo, e pintura: donde se infere, que ellas são como rudimenta, e principios, para se conseguir perfeitamente o fim da pintura. Donde Plinio *lib.* 35. *cap.* 10., diz assim, fallando do Pintor Pamfilo: *Primus in pictura omnibus literis eruditus, præcipue Arithmetice, & Geometrice, sine quibus negat artem perfici.* E assim os Egypcios, como refere Cornelio Tacito *lib.* 11. *Annal.*, primeiro declarárão seus conceitos por meyo da Pintura de animaes; mas por ser cousa mais facil para todos, vierão a usar do debuxo, e caracteres de letras.

Conforme ao costume de Hespanha, he liberal esta Arte; porque estando estabelecido por ley delRey D. João Segundo de Castella, que os Cavalleiros armados, para gozar de seus privilegios, não usassem de officios baixos, e particularizando todos, não nomea a Pintura, *l.* 3. *tit.* 1. *lib.* 6. *novæ recop.* E nas pragmaticas sobre trazer sedas, *lib.* 2. *tit.* 12. *li.* 7., torna a contar os officiaes, que a não podem trazer, e

não

não conta entre elles aos Pintores. Logo se próva bem, que he contada entre as liberaes, e que seja nobre não ha dúvida alguma; porque o he por todas as tres nobrezas: pela natural; porque produz grandes effeitos de virtude; (porque quem ha, que vendo hum Christo crucificado, se não compunja? porque está provado acima de S. Gregorio Nisseno) pela nobreza Theologica, e divina; porque produz effeitos sobrenaturaes, e divinos, de piedade, caridade, e religião: pela nobreza politica está tão claro, que não tem necessidade de próva. Plinio chama aos professores desta Arte nobres Pintores, o qual epiteto não se concede aos que usão as artes mechanicas. Chama-se nobre; porque ajuda com sua arte a incender os animos para ganhar nobreza, nome, e fama, como já fica provado. Galeno *in exercit. ad bonas artes*, diz que se póde ajuntar ás liberaes. Seneca, *lib. de studijs liberalibus*, dá a entender que se tinha por liberal em seu tempo. Alexandro

8. *polit. c.* 1. *& sequent.* Plutarc. *lib. de audient. poet. & lib. de gloria Athen. & in vita Arat.* Quem quizer ver mais louvores da Pintura, veja Plinio nos lugares allegados. Veja F. Patricio *de laude Pictorum*, e Textor *in officina cap. pictores diversi*, e Budeo, e muitos outros, e entre os modernos ao Licenciado Gaspar Guterres de los Rios, na sua *Noticia geral lib.* 3., e ao Padre Fr. Jeronymo na sua *Repub. Gentilica*, e Thomás Garçon na sua *Pratica universal, disc.* 90. com outros, que ahi cita.

Principios da Perspectiva, necessarios para a Pintura.

PRimeiro que tratemos da Pintura, havemos de presuppôr alguns principios da Perspectiva, como cousa muito necessaria para a Pintura. O sujeito da Perspectiva são as linhas visuaes, e desta ha duas especies. A primeira he pelas quaes procedem os rayos direitos sem se quebrar, por meyo

dos

dos quaes ſe faz a viſão direita. A ſegunda he daquellas linhas, pelas quaes caminhão os rayos, que ſe quebrão, ou ſe dobrão, por meyo dos quaes ſe vem as couſas obliquamente. Daqui naſcem duas partes da Perſpectiva, ſegundo que ella ſe conſidera com eſtas duas eſpecies de linhas viſuaes, e a primeira ſe chama Optica, como abaixo diremos. E a ſegunda ſe chama Specularia, da qual não he noſſo intento tratar.

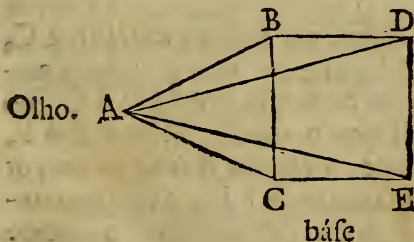
O modo de ver he de tres ſórtes, por viſão direita, ou reflexa, ou refracta. A viſão direita he, quando o rayo viſivel do olho á couſa viſta he perpendicular, ou ſeja de cima, ou de baixo, ou das ilhargas; deſórte, que ſeja o olho o centro, em reſpeito das mais partes: mas note-ſe, que com huma ſó viſão não ſe podem ver muitas partes juntas. A viſão reflexa ſe faz nos corpos liſos, e polîdos, ou por natureza, ou por arte, aſſim como ſão os eſpelhos, onde dá o rayo, e logo vira ao olho, ao modo de huma péla, que lançais com força a hum muro,

e ella ſe torna outra vez a vós. A viſão refracta ſe faz quando olhamos por agoa, ou por vidro, ou por córpos diáphanos, e tranſparentes: chama-ſe refracta, porque caminhando os rayos do olho á couſa viſta, termina-ſe aquelle rayo no corpo, que acha em meyo, e dahi parte então com outro á couſa viſta, e faz hum angulo com o primeiro; e eſta declinação, que faz o rayo do ſeu direito curſo, ſe chama viſão refracta.

Devemos logo imaginar, que a couſa que queremos ver he huma báſe de huma pyramide, a qual ſe fórma dos rayos do ver, os quaes partem do olho, como de centro, até a ſuperficie, e contorno da couſa viſta. E aſſim por eſtes rayos ſe fazem os angulos no centro do olho, pelos quaes ſão as couſas differentemente repreſentadas. E chamão os Latinos a eſte ver deſte modo, Proſpecto, donde vem perſpectiva, e os Gregos lhe chamão Optica, por ſer hum ver conſiderado; porque o ver ſimplezmente não he outra couſa mais, que receber naturalmente na virtude do ver

a fór-

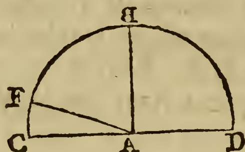
a fórma, e ſemelhança da couſa viſta; mas o ver do Perſpectivo he hum ver conſiderado, e advertido; porque não ſómente vê naturalmente, como o ſimplez ver, mas conſidera, e buſca o modo como ſe vê, e aſſim vê que da couſa viſta vem os rayos ao olho de todas as ſuas partes que ſão viſtas; porque não ſe podendo ella toda ver, mal podem de toda ella vir eſtes rayos ao olho; deſórte, que eſte ver he por linhas direitas. E nenhuma couſa viſivel ſe vê toda juntamente, como ſe vê no exemplo, que não vê o olho juntamente, B C D E. E aſſim ſerve tambem de próva para o mais que já eſtá dito.



Segundo principio.

Neſte ſegundo principio ſe trata da medida dos angulos, que diſſemos faziāo os rayos vindo da couſa viſta ao olho. E digo que a medida dos angulos ſe tira das partes da circunferencia, que ſáo comprehendidas, daquellas linhas, que fazem os angulos.

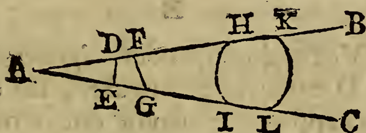
EXEMPLO.



As linhas, que fazem o angulo B A C, o qual he angulo recto, abração mayor roda do meyo circulo D B C, do que abraça o angulo eſtreito B A F, por onde o angulo B A C he mayor que o angulo B A F, e conſeguintemente muito mayor que o angulo F A D, e ambos ſáo angulos eſtreitos.

Mas

Mas o angulo F A C, que he angulo largo, ou obruſo, he mayor que todos os mais, e a razão he; porque abraça mayor circunferencia que os outros. Preſuppoſto iſto, digo agora, que aquellas couſas, que ſe vem debaixo de angulo igual, que parecem iguaes, o que ſe vê na figura ſeguinte.

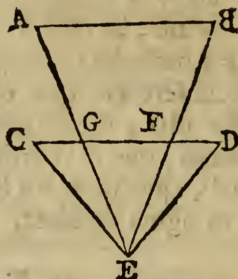


O olho he o A, os rayos ſão A B, e A C, os quaes fazem o angulo B A C, e as grandezas diverſas ſão D E F G H I K L, as quaes ſão differentes, e deſiguaes; e porque ſão viſtas em hum meſmo angulo, que igualmente ſerve a todas, parecem iguaes.

Outro principio.

Aquellas couſas, que ſe vem debaixo de angulo mayor apparecem mayores, o que ſe declara na figura ſeguinte.

Vedes



Vedes duas grandezas iguaes A B, e C D em diversos angulos, das quaes huma apparecerá mayor que a outra, como C D apparecerá mayor que A B, porque o angulo debaixo, no quàl se vê C D E, he mayor que o angulo A B E, porque como está mais perto do olho se vê mais distinctamente.

Deste modo se declara outro principio nesta mesma figura, o qual he, que as cousas que se vem debaixo de angulo menor apparecem menores. A grandeza A B parece menor da grandeza de C D, e a razão he; porque a grandeza A B he vista no angulo A E B; que he menor que o angulo C E D, no qual

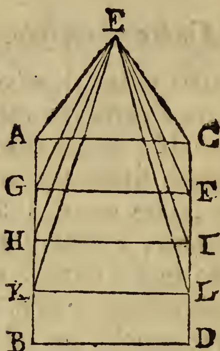
qual ſe vê a grandeza C D ; e pelo que acima temos dito , G F apparece igual ao A B , porque ambas ſão viſtas no angulo igual.

Outro principio.

As couſas viſtas debaixo de mais angulos , mais certa , e diſtinctamente ſe vem. Iſto ſe vê manifeſtamente ; porque ſe tomarmos duas grandezas iguaes , que entre ſi ſejão igualmente diſtantes , e huma ſeja mais viſinha ao olho que a outra : aquella que eſtiver mais viſinha ſe verá em angulo mayor , que aquella que eſtá mais longe. Mas o angulo mayor póde-ſe partir em mais partes , que o angulo menor. Aſſim que a grandeza mais viſinha ſe verá em mayor angulo , que a que eſtá longe ; e porque o eixo , ou ponto da pyramide viſiva , a qual chega á ſuperficie da couſa viſta , he mais breve nas couſas mais viſinhas ao olho , que o ponto da pyramide , que chega ás couſas viſtas mais longe ; por iſſo ſe ſegue , que as couſas viſtas em mais angulos,

gulos, ſe vejão mais diſtinctas, e mais certas.

EXEMPLO.



Depois diſto ſe deve advertir, que as linhas, ou outra quantidade igualmente diſtante, ou alta, ou baixa, ou de lados que ſeja, parecerâõ ao olho que querem correr juntamente, e unirſe quanto mais longe eſtão do olho. Vede o exemplo na figura atraz, aonde não ſó os lados A B, e C D parecerâõ aviſinharem-ſe hum ao outro, com as partes mais remotas do olho

E; mas antes as linhas A C, G F, H I, K L, e B D farão o mesmo, assim que o B D parecerá mais visinho ao K L, que o K L ao H I, e o H I mais visinho ao G F, que o G F ao A C; porque o B D se vê em menor angulo que o K L, e o K L que o H I; e assim o restante. Do mesmo modo as partes da linha A B, e C D, que estarão mais longe do olho, parecerâõ avisinhar-se mais, que as mais visinhas; porque os espaços, que estão entre as partes mais remotas, parecerâõ mais visinhos; porque se vem em angulo menor. Donde vem, que se se puzer em perspectiva hum claustro, com columnas coberto, estando o olho no meyo do edificio, parecerá que o tecto se abaixa, e o pavimento se levanta pouco, e pouco, quanto mais se vay alongando do olho; e assim a parede da mão direita parecerá que se avisinha nas partes remotas ás columnas da mão esquerda, e as da mão esquerda se avisinhão á mão direita, como se vê no Theorema 12. de Euclides. E assim os espa-

ços entre as columnas parecerâõ mais pequenos, por eſtarem mais longe do olho, de modo, que as couſas altas parecerâõ abaixar-ſe, e as baixas levantar-ſe; tudo iſto naſce dos angulos, com que ſe vem as couſas.

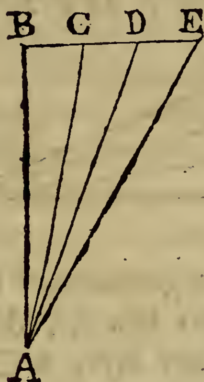
Donde, quando fizeres alguma Architectura em algum painel, haveis de tomar o ponto do meyo da quadratura, ou circunferencia, ſendo redondo, e dahi haveis de lançar as linhas direitas ás partes de fóra, e por onde ellas bornearem, por ahi ficarão lançados os filetes, aſſim dos frizos altos, como dos pedeſtaes baixos, entendo os das ilhargas, e não os fronteiros, que eſſes ſe lanção á vontade de quem faz a Architectura. Mas notai, que eſte ponto muitas vezes he neceſſario que ſe ponha a huma ilharga do painel, ou aonde melhor eſteja; mas as linhas ſempre borneão delle, e o vão buſcar.

Outro principio.

Entre as diſtancias iguaes poſtas ſobre huma meſma linha recta, as que ſe

ſe virem de mais longe pareceráõ menores.

EXEMPLO.



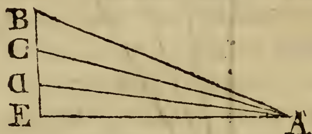
Sejão as diſtancias iguaes B C, C D, D E, e o olho ſeja A, do qual ſayão os rayos viſuaes A B, A C, A D, A E, e eſteja A B em angulos rectos ſobre B E, e porque no triangulo rectangulo A B E, ſão iguaes B C, C D, D E, ſerá o angulo B A C mayor que o angulo C A D, e o angulo C A D mayor que o angulo D A E, logo mayor parecerá B C que C D, e C D que D E.

Outro principio.

As grandezas iguaes, que poſtas em

em huma meſma linha recta, eſtão entre ſi apartadas, parecem deſiguaes.

EXEMPLO.



Sejão as grandezas iguaes B C, D E, e o olho ſeja A, do qual ſayão os rayos viſuaes A B, A C, A D, A E, e ſeja recto o angulo B E A, logo mayor he o angulo E A D, que o angulo B A C, e por iſto E D parecerá mayor que B C, donde ſe ſegue que as grandezas B C, D E, parecem deſiguaes.

E para que melhor ſe tenhão eſtes principios na memoria, os epiloguei no modo ſeguinte, depois de já eſtarem provados.

1. Os rayos, que ſahem do olho, vão por linha direita á couſa viſta, e entre ſi eſtão apartados com alguma diſtancia.

Aquel-

Aquellas cousas se vem aonde chegão os rayos visuaes : e aquellas se não vem aonde elles não chegão.

As cousas que se vem debaixo de mayor angulo parecem mayores : e as que se vem debaixo de menor angulo parecem menores.

As cousas que se vem debaixo de igual angulo parecem iguaes.

As cousas que se vem debaixo de rayos mais altos parecem mais altas ; e as que se vem debaixo de rayos mais baixos parecem mais baixas.

As cousas que se vem com rayos, que dobrão mais á mão direita, parecem mais direitas. E as cousas que se vem com rayos, que dobrão mais á mão esquerda, parecem mais esquerdas.

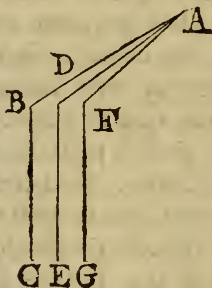
As cousas que se vem debaixo de mais angulos se vem mais distinctamente.

Outro principio.

Sejão as grandezas iguaes B C, D E, F G, as quaes estejão postas debaixo do olho A, e do olho A sayão os rayos

visuaes

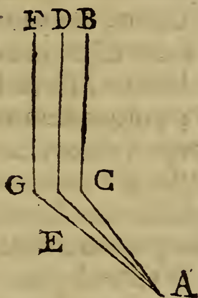
visuaes A B, A D, A F; e porque A B está mais alto que os mais rayos visuaes, logo tambem o ponto B estará mais alto que os pontos D F, e pelo conseguinte tambem B C estará mais alto que D E, e D E mais que F G, pelo que entre as grandezas iguaes postas debaixo do olho, as que estão mais apartadas parecem mais altas.



Outro principio.

Entre as grandezas iguaes postas sobre o olho, as que estão mais apartadas parecem mais baixas. Sejão as grandezas iguaes B C, D E, F G, as quaes

quaes eſtão poſtas encima do olho A, e do olho A ſayão os rayos viſuaes A C, A E, A G; e porque A G eſtá mais baixo que os mais rayos viſuaes, logo o ponto G mais baixo eſtará que os mais pontos, e por iſto F G parecerá mais baixo que D E, e D E mais que B C.



ARTE DA PINTURA.

PIntura, como diz Plinio, he huma repreſentação da fórma de alguma couſa, lançadas certas linhas, e traças. Eſta, ſe tratarmos do modo de colorir, e tratar as côres, tem tres partes; convêm a ſaber; Pintura a oleo,

Pintura

Pintura a témpera, Pintura em pergaminho, que chamão illuminação, e ainda a Pintura a témpera se divide em Pintura a fresco. Mas se tratarmos quanto aos lineamentos, e traças, he huma só cousa; porque em todos estes modos se guardão os mesmos claros, escuros, e meyos escuros; ou, como outros dizem, claros, meya tinta, e escuros; e em todos estes modos se guarda o mesmo debuxo, só varîão no modo de colorir; porque nem todas as côres servem bem a todos, nem o modo com que se assentão he commum a todos; porque differente he o oleo da cóla, e a cóla da gomma, e oleo. E porque melhor se entenda que cousa são claros, e escuros, e meya tinta, façamos particular annotação, e depois trataremos dos modos da Pintura, o que mais communmente se usa.

Que cousa seja sombra, e luz na Pintura, e donde se dão.

Daniel Barbaro, tratando este ponto, diz que as sombras na Pintura não são

ſão outra couſa mais, que falta de luz; porque aonde a luz dá, e fere, ſempre alli eſtá mais claro; e aonde ella vay faltando, logo as ſombras ſe vão ſeguindo pouco, e pouco. E para melhor ſe iſto deixar entender, ſe advirta, que todo o Pintor, que quizer acertar, ha de ver, primeiro de tudo, aonde dá a luz na figura, ſe vem da janella, ſe vem de cima, ſe vem debaixo, ſe he fronteira, ſe he de candêa, e ſe ſão mais luzes; porque então a mayor luz, he a que ſe guarda. E vendo primeiro donde he a luz, verá que todos os altos da figura ſão claros; e neſtes ao colorir, ſe ha de pôr a côr mais clara, e logo a meya tinta, que ſerá eſta clara com alguma outra, que a aſſombre; e nos eſcuros ſervirá a meſma meya tinta com outra, que a eſcureça mais; e ſe for neceſſaria outra mais eſcura, para os mais fortes, aonde de todo falta a luz, tambem ſe lhe applicará: e para que iſto melhor ſe entenda da luz, ſe póde fazer experiencia de noite á candêa, aonde ſe

verá claramente o que he luz, e o que he escuro: e se o Pintor guardar esta ordem, em breve tempo alcançará o que ha nesta Arte, para saber relevar bem huma figura, e que pareça, sendo pintada, que he de vulto.

Tem esta regra huma excepção; que nos corpos esphericos, e redondos não ha luz de todo clara em todos elles; bate só em hum ponto; e logo se vay diminuindo, assim como se vay fazendo o redondo, até que bate em hum forte, que escuro muito escuro; e a razão he, porque, como he espherico, vay logo a luz faltando a huma, e outra parte quando he fronteira: mas se he de huma ilharga, daquella aonde dá a luz, sempre he mais clara, e aonde falta, mais escura. E porque dissemos que a Pintura constava de certas linhas, e traças, será bem dizer do lineamento de hum corpo humano, para se verificar a definição.

SYMMETRIA,

Das partes, em que se divide hum corpo humano, na Pintura, e Esfcultura.

SYmmetrìa, nome Grego, quer dizer proporção conveniente, que ha nas partes, e membros humanos. Author della (como diz Plinio *lib.* 32. *cap.*8.) foi Polycleto. Tratárão defta Arte Alberto Dureiro, em quatro livros, que compôs de Symmetrìa. João Darfe no livro que fez de Geometria, Daniel Barbaro *na oitava parte de fua Perfpectiva cap.* 1. Vitruvio *lib.* 3. *cap.* 1. E o que delles tirei mais neceffario, he o feguinte.

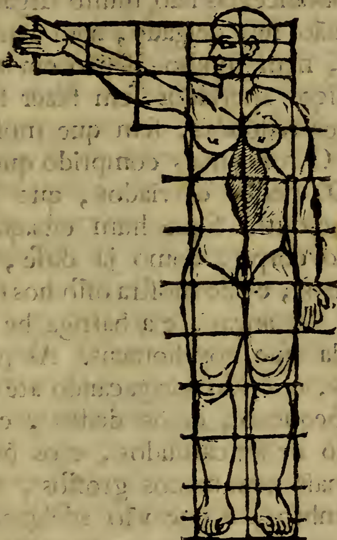
Symmetrìa de João Darfe.

TErá toda a figura dez roftos. O rofto fe entende, do nafcimento do cabello da tefta, até a ponta da barba, e não fe conta mais hum terço, que vay

por cima da tefta. Deftes dez roftos, os cinco primeiros chegão até o nafcimento das pernas, e os outros cinco vão até a planta do pé. De largo tem dous roftos de coftado á coftado, e fahem os hombros de cada parte hum terço. Cada braço tem de comprido quatro roftos até a ponta do dedo mayor, começando do fovaco, por onde fica, que eftendidos os braços ficão os dez roftos, com os dous que ha de coftado a coftado. Do embigo até a ponta do dedo do braço eftirado, vem a fazer na ponta do dedo pollegar do pé hum redondo perfeito. O pefcoço tem dous terços de rofto em largo, e em comprido hum terço, defde a orelha até a garganta. A orelha tem a altura do nariz. Da ponta do cabello até a fobrancelha tem hum fexto. Da fobrancelha até a maçaã do rofto tem hum fexto, que tem de alto cada olho, e nefte direito fica o ouvido. Do nariz á boca ha hum terço de terço. Da boca á barba ha dous terços de terço.

EX-

EXEMPLO.



Nos roſtos, e proporção das mulheres ſe guarda a meſma medida, que nos homens; (diz o meſmo Author) tirado que a teſta será deſcoberta, e liſa, e os olhos mais deſviados; de maneira, que haja entre hum, e ou-

tro hum ſexto até os lagrimaes. Serão grandes, mas não muy abertos, e as ſobrancelhas não muito largas. O nariz não ſeja delgado, nem agudo na ponta, nem rombo, ſenão em meyo. Os beiços apertados ſem fazer força. As faces redondas, ſem que moſtrem oſſo. O roſto mais comprido que largo. Os peitos deſviados, que entre hum, e outro fique hum eſpaço. O alto do corpo, como já diſſe, tem dez roſtos, e não moſtra oſſo nos membros. As ancas, e a barriga he mais creſcida que nos homens. As pernas groſſas, que vão adelgaçando até fazer o pé pequeno, cujos dedos, e fórma hão de ſer carnudos, e os braços nem mais, nem menos groſſos, a par do hombro, e que vão adelgaçando até o cólo do braço, e as maõs carnoſas, que não deſcubrão oſſo.

Symmetria dos Meninos.

A Proporção dos Meninos de tres annos (diz o meſmo Author) tem

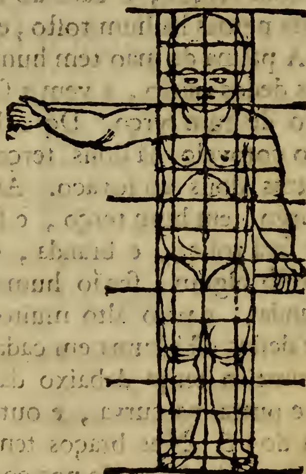
cinco

cinco rostos. Hum da barba até o alto da cabeça, os dous no corpo, e os outros dous nas pernas. Cada hum destes se divide em tres terços; da superficie da cabeça á ponta do cabello hum: dahi ás sobrancelhas outro, e ao comprimento do nariz hum sexto, e outro se dá á boca, e barba dividido em tres partes. Da barba aos peitos ha dous terços, e dahi ao nascimento das pernas ha hum rosto, e hum terço. A palma da mão tem hum sexto, e os dedos outro, e vem a ser toda a mão de hum terço. Do cólo do braço ao cotovelo ha dous terços, e dahi outros dous ao sovaco. As coixas de largo tem hum terço, e sexto. A carne será roliça, e branda, e não mostra osso algum, senão humas arrugas fundas, e pelo alto muito carnosas, e destas está huma em cada coixa ao primeiro terço debaixo das nadegas, e outra na curva, e outra na garganta do pé. Nos braços tem outras arrugas nos cólos, e nos cotovelos, e joelhos fazem huns buracos em

que

que muito mal ſe determina no meyo delles os oſſos daquellas partes. O peſcoço he de ſó duas arrugas, huma que vay por junto das orelhas, e outra hum quarto de terço mais abaixo: Eſtes membros ſão todos redondos, e faceis de mover.

EXEMPLO.



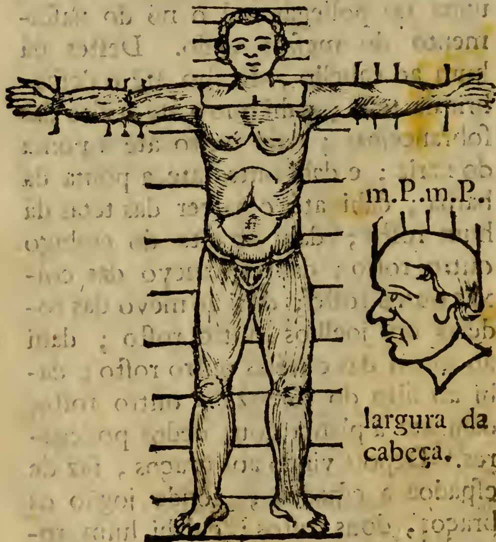
Symme-

Symmetria de Daniel Barbaro.

DAniel Barbaro, no lugar acima allegado; usa de outro modo de lineamentos do corpo humano, e mais faceis, e são os seguintes. Hum rosto reparte-o em quatro dedos pollegares, chama dedo pollegar da ponta da unha do pollegar até o nó do nascimento do mesmo dedo. Destes dá hum ao cabello, do alto até o descobrir da testa; dahi outro até o alto das sobrancelhas; dahi outro até a ponta do nariz; e dahi outro até a ponta da barba; dahi até o nascer das tetas dá hum rosto; dahi ao alto do embigo outro rosto; dahi ao meyo das coixas outro rosto; dahi ao meyo das rodélas dos joelhos outro rosto; dahi ao meyo das canélas outro rosto; dahi ao alto do tornozelo outro rosto; dahi até a planta dous dedos pollegares. Depois vindo aos braços, faz de espadoa a espadoa, aonde jogão os braços, dous rostos; e dahi hum rosto,

ſto, e hum dedo pollegar ao jogar do cotovelo; e dahi ao jogar da mão outro roſto, e pollegar; e dahi á ponta do dedo do meyo outro roſto. A largura da cabeça tem tres pollegares, na fórma que eſtá eſtampada.

EXEMPLO.



Symme-

Symmetria de Vitruvio.

VItruvio, *lib.3.cap.1.* diz que de tal modo he composto o corpo humano, que da ponta da barba até onde fenecem os cabellos he a decima parte do corpo; do alto do peito onde fenece o pescoço até o cabello he a sexta parte; da ponta da barba até o alto da cabeça a oitava parte; e da mesma ponta da barba até o mais alto do cabello a quarta parte. O comprimento do rosto se divide em tres partes, s. da barba ao nariz, e da ponta do nariz aonde elle fenece com a sobrancelha, e da sobrancelha á ponta do cabello, em outra parte. O pé tem de altura a sexta parte. Ao cotovelo a quarta parte. Ao peito outra quarta parte. Mario Equicola *De alveto lib.2.* declarando em certa occasião a Vitruvio ajunta, que se o corpo he robusto que terá sette rostos, e se for delicado terá oito, e nove. As mulheres de sette rostos o mais das vezes, e até oito.

oito. As orelhas bem feitas ſão aquellas cujo meyo circulo he tamanho como o meyo circulo que faz a boca aberta. O nariz ſerá de largura junto á boca, quanto he o comprimento do olho. O nariz ordinariamente ſe faz tão comprido, como he a boca. A mão he tão comprida como hum roſto. O embigo he o centro do homem, porque dahi lançando o compaſſo aos braços abertos, vem a fazer hum redondo com os pés eſcanchados. Iſto dizem eſtes dous Authores. Daniel Barbaro, explicando mais a Vitruvio, diz aſſim na ſua oitava parte: Seja huma linha tão comprida como quereis fazer a altura do corpo, e ponde-lhe no alto A, e no baixo B; logo parti eſta linha em oito partes iguaes com os pontos C, D, E, F, G, H, I, e ſupponde que á parte de cima entre A C, que he a altura da cabeça, da barba até o alto da cabeça; depois tornai a partir a meſma linha em dez partes iguaes com ſeus numeros 1, 2, 3, &c.; depois abri o compaſſo, quanto he a

decima

decima parte da linha dividida em dez partes, e pondo o pé no ponto C, aonde he a barba, e voltando o outro pé para onde eſtá o A, faça o ponto O, aſſim que o eſpaço, que fica entre C O, he a decima parte de todo o corpo, e he o eſpaço da barba, até a raiz do cabello, donde he o alto da teſta.

A Depois parti a linha A B,
1 O em ſeis partes iguaes, e to-
mai huma dellas do ponto O,
2 C para a parte do B; e ahi no-
K tai K, aonde ſerá o alto do
3 D peito; e deſta ao alto da te-
4 ſta, aonde eſtá o ponto O,
E ſerá a quinta parte da altura
5 do corpo: e aſſim ſe com-
F pôem o texto de Vitruvio,
6 que diz a quarta parte. A'lèm
7 G diſto, parti o eſpaço entre
o ponto C, e o ponto O
8 H em tres partes iguaes, e a
de cima dai á teſta, a do
9 I meyo ao nariz, a debaixo
do nariz á barba, e aſſim
10 ſe reparte o corpo humano.
B

O pé he a ſexta parte da altura, e o cotovelo a quarta, pondo o comprimento da mão. O peito conſeguintemente a quarta, comprehendendo o peito debaixo; porque da altura do peito donde eſtá o ponto K á altura da cabeça donde eſtá o ponto A, he a quinta parte, e aſſim deſte modo divide Vitruvio o corpo humano. Até aqui he de Daniel Barbaro.

Symmetría de Alberto Dureiro.

ALberto Dureiro no primeiro livro de ſua Symmetría na figura B ſegunda me pareceo mais conveniente, e melhor que todas as mais que uſa. A ſua repartição não ſe deixa bem entender; e porque claramente ſe veja, a porei em Latim aſſim como eſtá na ſua tradução de lingua Todeſca em Latim, e he a ſeguinte.

Ita longitudinem membrorum metieris. A ſyncipite quod bregma dicitur uſque ad medii juguli ſummitatem

ima

una pars esto decima, & una undecima. Ad summos humeros duæ partes. 11. *Ad imum mentum una pars.* 7. *Summitas verticis media est inter sinciput, & frontem. A mento usque ad radices capilli una decima. Hanc si partitus fueris in tria æqualia spatia, primum frontem, secundum oculos & nasum, tertium os, & mentum designabit. A jugulo usque ad summum pectus una.* 30. *sub alas una.* 3. *Ad mammas una.* 10. *Infra mammas una* 8. *Lumbos duæ.* 11. *A lumbis ad umbelicum una.* 40. *Sinus coxarum una.* 30. *imas coxendices una.* 10. *Pudenda una.* 8. *extremam glandam una.* 6. *imas nates una decima & una.* 11. *Ab imis natibus ubi usque fœmina quasi sulcantur, id est, ad medium femur una.* 18. *A planta ad imum talem una.* 28. *A planta ad montem pedis una.* 20. *E genu medio usque supra illud esto una.* 21. *Infra vero una.* 4. *Ad imam suram exterius duæ santo.* 19. *Interius una.* 8.

Men-

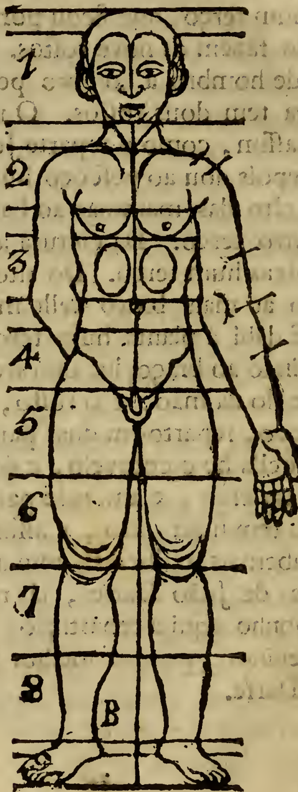
Menſura brachii.

Ab humero enim ubi illius caput ad jugulum annectitur ad cubitum uſque, duæ. 11. *Cæterum ab humero ad imos maſculos una.*10. *A cubito ad extremos uſque digitos una.* 4. *Ab extremis digitis retro ad extremam manum una.*10. *Etſi in unam* 9. *produci non eſt inconcinnum ſi cui forte ita libeat.*

Até aqui he de Alberto Dureiro. Mas eu uſando da licença, que elle dá aos que quizerem repartir as ſuas figuras de outro modo, reparto aſſim a ſua ſegunda figura. Faço a figura toda em nove roſtos. O primeiro da ponta do cabello á ponta da barba. O ſegundo da ponta da barba ao ſovaco. O terceiro do ſovaco ao alto do embigo. O quarto do alto do embigo ao baixo da barriga. O quinto do baixo da barriga ao meyo das coixas. O ſexto do meyo das coixas ao joelho. O ſeptimo do joelho ao meyo da barriga da perna. O oitavo do meyo da bar-

riga da perna ao alto do tornozelo. O nono do alto do tornozelo á planta, com hum terço, que ficou por cima do cabello fazem os nove roſtos. De largura de hombro a hombro pelo perfil de fóra tem dous roſtos. O roſto reparto aſſim, como o reparte João Darſe. Depois dou ao peſcoço hum terço. E do alto das mammas ao baixo dellas outro terço. Da cintura ao naſcer das coixas hum terço. Do alto do tornozelo ao mais baixo delle meyo terço. E dahi á planta hum terço. Depois vindo ao braço, lhe dou tres roſtos até o cólo da mão: e o roſto, que fica em meyo, reparto em duas partes, e o meyo della he o cotovelo, e dou amétade para cima, e amétade para baixo. A mão tem hum roſto, e aſſim reparto tambem as mulheres, com as advertencias de João Darſe, já referidas. Não ponho aqui a repartição, que faz dos meninos; porque melhor he a de João Darſe.

EXEMPLO.



No-

Nomes das tintas, que se lavrão a oleo.

AS tintas, que se usão a oleo, são estas: Alvâyade, Vermelhão, Verdete, Zarquão, Sinopera, Genolim, ou, como outros dizem, Machim, Masicote, Sombra de Cintra, ou de Osso queimado, Cinzas, Ocre claro, Esmalte, Ocre escuro, Lacra, Cochonilha, Preto de Flandes, ou Carmim, Verdacho, Terra Roxa, Almagrá, Jalde. Todas estas se móem na pedra, salvo os Azuis, que são delgados, que na paleta com o oleo se concertão. Depois de moîdas, para estarem frescas, para em todo o tempo se lavrarem, se porão na agoa em suas vieiras cobertas com papel o Alvâyade, Zarquão, Masicote, Vermelhão, as outras se cobrirâõ muito bem, porque lhes não entre pó.

Modo para apparelhar panno, e madeira para a pintura.

Primeiramente, os paineis de páo se apparelhão na fórma seguinte: Tomarâõ

maraõ cóla feita de baldreu, que he pelle de luvas, os retalhos dellas cozidos muito bem, a agoa que fica delles, depois de desfeitos, he a cóla, esta que não seja muito forte, dai duas maõs no painel. Depois de enxuta, tomai gesso moîdo, e com a cóla fazei huma lavadura, ou agoarelha, e assim dai outra mão, depois de enxuta lhe tornai a dar outra mão com mais gesso, depois de enxuto o raspai, de modo que fique muito liso, e igual; depois lhe dai huma, ou duas maõs de imprimadura, e depois de secco o tornai a correr com lixa, de modo que fique muito liso, e igual. Logo debuxai, e colorî de morte côr. E notai, que a imprimadura não he outra cousa mais, que terra de Cintra, ou qualquer outra côr baixa, moîda com oleo, e levará seu seccante: e que cousa seja seccante, se dirá em seu lugar. Os pannos se apparelhão assim: Tomai huma grade, e nella estirai o panno muito bem, e o pregai, depois lhe dai huma mão de cóla fraca,

e de-

e depois de enxuto, se for necessario, outra mão de cóla, para tapar melhor, tambem se lhe póde dar. Depois tomai a imprimadura, e com a faca, ou com huma colher de pedreiro pequenina a ide assentando, mas melhor he com a faca, porque leva diante de si todas as arestas, que tem o panno; depois de enxuta lhe dai outra mão, que fique bem coberto o panno; e depois de enxuto, o correi com huma pedra pomes de modo, que fique muito liso, e sem noz, logo debuxai, e colorì de morte côr. Chama-se morte côr a primeira côr, que se dá na figura, porque sempre morrem as côres, e assim he necessario dar-lhe depois de bem enxuto a viva côr, com côres bem moîdas, e boas. Outros apparelhão os pannos differentemente, mas este he o melhor modo, porque não quebra, nem escasca a pintura, como fazem os Romaniscos, que á conta de os Pintores pintarem muito mimoso, fazem muito grande códea, e logo o panno escasca com qualquer máo trato.

De todo o modo de seccante.

O seccante se faz de muitos modos, e alguns não servem senão a certas tintas. O seccante de pedra hume he só para o Jalde, quando se usa a oleo, e faz-se deste modo: Tomai a pedra hume, e queimai-a em huma telha, e depois de queimada tomai aquelle pó, e misturai-o com o Jalde, e seja de modo que não faça perder a côr do Jalde, e conforme a quantidade da côr podeis tomar a pedra hume. Outro seccante ha para o preto, e este he o verdete sómente moido, e misturado com o preto na paleta. Outro seccante ha de vidro, que serve para a Lacra, e faz-se deste modo: Tomai o vidro em pedaços, e botai-o no fogo até que se faça bem vermelho, e esse queime bem, depois quando moêres a Lacra depois de teres tirada toda a Lacra com o colhedor da pedra, naquella, que ficar sem alimpares a pedra, botai o vidro já queimado, e moei muito bem, e ficará já de algum modo

do parecendo Lacra, este misturai na paleta com a Lacra, e he muito bom seccante. Tambem na Lacra he bom seccante huma pontazinha de Zarquão. Ha outro seccante de fezes de ouro para todas as côres, que he o melhor, e faz-se deste modo: Tomai as fezes de ouro moîdas, e atai-as em hum panninho, e logo ponde o oleo em hum pucaro a ferver, e lhe mettei dentro as fezes assim no panno, como der huma fervura, tirai o oleo, e de dentro o panno, e o oleo que fica he o seccante limpo, neste quando lavrais molhai o pincel, ou misturai, e he bom seccante. E se não quizeres cozer o oleo, tomai as fezes de ouro moîdas, e á noite botai em huma vieira o oleo, que haveis de gastar ao outro dia, e nelle botai huns pôs das fezes, e fica este oleo pela manhãa muito bom seccante, e muito limpo. E não façais muito, porque logo se faz graxo.

Modo

Modo de uſar o Jalde a oleo.

Tomai o Jalde que tenha boa côr, bem amarella, e dourada, e moê-lo-heis com agoa clara muito bem moîdo, depois de enxuto o tornai a moer a oleo, e uſai delle tal nos claros com ſeu ſeccante, como fica dito. E para as ſombras uſai delle deſte modo: Tomai o Jalde em pedra, aſſim como o comprais, e queimai-o no fogo em huma colher de ferro, ou em hum teſtinho, e ſeja ſobre brazas ſem fumo, e como fizer fio como mel, então eſtá já queimado, depois o moei muito bem com agoa, e depois de enxuto o uſai com oleo por ſombra do outro Jalde; e ſe quizeres aſſombrar mais, miſturai-lhe terra roxa, que tambem a ſoffre, e Lacra, e preto para os fortes.

Modo de uſar o Eſpalto.

Tomai o Eſpalto, e ponde-o em hum pequeno de oleo ao fogo, e como eſtiver brando dai-lhe quatro vol-

tas na pedra, e fica moido. Este se usa nos escuros dos Encarnados depois da figura enxuta, como quem regraxa.

Modo de fazer Verdes.

De Verdete, e Alvayade se faz Verde, e na paleta se concerta para os claros, e escuros, e meya tinta. Outro se faz de Cinzas, e Masiquote. Outro se faz de Verdete, e Machim, ou Masiquote, e na paleta podeis fazer os claros, e meya tinta, e escuros, ou ajudando com Alvayade os claros, ou com preto os escuros. Os Verdes para tempera, e illuminação se dirão em seu lugar.

Modo de usar o Alvayade, e Cinzas.

O Alvayade se móe primeiro muito bem com agoa clara, e depois de enxuto se móe a oleo de nozes. As Cinzas se usão com o mesmo oleo, e para boas se hão de lavar primeiro, como diremos na illuminação, aonde se ha de ensinar a lavar as côres.

As mesclas das côres como se fazem.

Primeiramente, o Rosado se faz de Alvayade, e Lacra. O Pombinho se faz de Alvayade, Lacra, e Cinzas, e na paleta se vay fazendo á vontade. A Purpura se faz deste Pombinho, e depois lhe misturão mais Cinzas. Dos Verdes já fica dito. O Encarnado se faz de Alvayade, e huma ponta do Vermelhão. Os Encarnados rusticos se fazem com Alvayade, Zarquão, e huma ponta de Sombra de Cintra. O Pardo se faz de Ocre claro, e Sombra de Cintra. Todas estas côres serão concertadas na paleta á vontade do que as lavra.

Sombras para os rostos.

Osso queimado, e moîdo com agoa, e depois de secco moîdo a oleo he sombra para rostos mimosos. Tambem para rostos mimosos se faz sombra com Cinzas, e a mesma Encarnação. Tambem se faz outra sombra com Ocre claro, e Preto de Flandes.

Tam-

Tambem Verdacho faz muito boa sombra. Para os rostos rusticos Sombra de Cintra com a Encarnação, que já fica dita acima. Tambem o Preto Lapis com a Encarnação faz huma sombra graciosa para rostos mimosos.

Para fazer oleo graxo.

O oleo graxo serve para polimento, e para mordente, e faz-se assim: Ponde o oleo ao Sol até que engrosse, e faça fio como mel, e logo então está graxo, porque o ser graxo não he outra cousa senão engrossar-se. Para se fazer com brevidade, ponde o oleo ao Sol em vasos pequenos, para que, sendo pouca quantidade, mais depressa o penetre o Sol, e antes de o pôr lhe botai fezes de ouro em pó, ou hum pequeno de Zarcão moído, e logo se faz graxo; e ao tirar não venha mistura do Zarcão, senão o oleo limpo, e assim o usai no polimento.

Como se faz o polimento.

Tomai o Alvayade muito bem moîdo com agoa, e depois de enxuto o moei com oleo graxo muito bem moîdo, e logo na pedra podeis fazer o Encarnado como vos parecer. Tereis a figura apparelhada como se costuma, digo engessada, polida, e imprimada, e os Encarnados dados com Encarnação leve, para que depois assente bem o polimento. E quando assentares o polimento, que ficará sobre o grosso como massa, o assentai com huma brocha assim rudemente, depois para o polir tereis huma tês de couro de luva muito delgado de molho em agoa, e fazendo-o a modo de dedo de luva, no mesmo dedo ireis estendendo a tinta, ou polimento, e assim o ireis polindo; e quando o couro pegar, molhai com cuspinho levemente, e com o mesmo oleo tereis moîdo o Vermelhão com huma ponta de Lacra para dar nas faces, e na boca: mas adverti que sempre o beiço de cima ha de ser mais

ver-

vermelho. Depois abri os olhos ao pinzel, e as sobrancelhas.

Para purificar oleo de Linhaça para o Alvayade, e Azuis.

Tomai oleo de Linhaça, e pela manhaã lhe dai hum olho de Sol, e logo lhe botai hum pequeno de Alvayade moîdo, e deixai-o assim estar até o outro dia, e então o usai. De outro modo; Tomai hum vaso, que seja furado por baixo com hum torno delicado, que se possa tapar, e destapar, botai-lhe o oleo com agoa da fonte, e batei isto muito bem, e deixai assentar o oleo, que fique por cima como azeite, depois levemente tirai o torno que saya a agoa, e tanto que começar a sahir o oleo, fechai; e isto fazei tres, ou quatro vezes, e ficará o oleo muito purificado, e que se possa usar muito bem. Quando quizeres fazer Alvayade, que se possa usar como com oleo de nozes, moei o Alvayade na pedra muito bem com agoa, e depois lhe botai o oleo de Linhaça, e vereis

que

que indo moendo, a agoá se vay sahindo para fóra, e fica o Alvayade só com o oleo, que parece purificado.

Modo de regraxar.

O que quizéres regraxar fareis primeiro com branco, e preto, mas os altos sejão bem brancos, e os pretos bem pretos. Depois de enxuto, e secco, tomai o Verdete muito bem peneirado, e moîdo a oleo, e podeis regraxar deste modo. Tomai hum panno de linho muito brando, e ponde-lhe hum pequeno de algodão; e depois fazei hum modo de pinzel, de sórte que fique o algodão de dentro do panno, e que não roce a pintura, e assim ide estendendo o Verdete, que logo vereis os claros em Verde claro, e os escuros em Verde escuro. O mesmo se faz tambem com a Lacra. Mas adverti, que leve seu seccante, para que enxugue depressa. Podeis tambem assentar a tinta ao pinzel, que seja algum tanto rala, e depois com huma brocha

grande

grande folver tudo muito bem, que fique bem unido.

Modo de fazer Cambiantes.

Os Cambiantes se fazem de muitos modos. Hum delles he fazer os altos de Maficote, e a meya tinta de Rofado, e os efcuros de Lacra. D'outro modo: Os altos de Rofado, e a meya tinta de Purpura clara, e os efcuros de Purpura efcura. Outro modo; Os altos de Rofado, e a meya tinta de Verde claro, e os efcuros de Verde efcuro; e assim fe podem fazer quantos quizerem com duas tintas, a mais clara nos altos, e à mais efcura fazê-la clara para meya tinta, e deixar effa mefma efcura para os efcuros.

Azul Ultramarino como fe lavra.

O Azul Ultramarino, como he tão caro, não fe ufa muito, e por tanto fe não fabe o ufo delle tão facilmente. Quem o quizer ufar ha de lavrar primeiro as roupas, ou o que quizer com Azuis de Caftella, e Cinzas,

e depois de enxuto ha de lavrar por cima o Ultramarino, que, como he muito delgado, ſe ſe uſa ſó não cobre bem; porque não tem corpo.

Como ſe faz Mordente para dourar.

Tomai as côres baixas, que quizeres, muito bem moìdas a oleo, e depois tomai em huma colher, ou pucaro, o oleo confórme á quantidade que quereis fazer, e botando dentro as tintas muito bem moîdas, poreis ao fogo o pucaro até que ſe coſa bem, e ſe lhe botares hum pequeno de Vernîs tanto melhor, depois o guardai, que quanto mais velho melhor he. Tambem ſe faz das ſombras das tintas da paleta, e daquellas pelles fervîdas em oleo, e coado por hum panno groſſo. Quando tratarmos dos modos de dourar, lá trataremos como ſe pôem o Mordente, e aonde.

Para perfilar.

Depois de teres debuxado o que quereis, coſtuma-ſe a perfilar, principalmente

palmente os Encarnados com ſombra, e huma migalha de Preto, e outra de Lacra, ou Cochonilha.

Quando ſe houver de fazer algum paſſamane, que pareça de ouro, ſe perfilará primeiro todo o debuxo com Almagrâ, e Zarquão, e depois de enxuto, o retocarâõ com Maſiquote dourado nos altos, e aonde dá a luz.

Para fazer hum vêo branco, que cubra cabellos, ou o que quizerem, depois da figura enxuta a banhai com oleo, e alimpai brandamente, depois ide perfilando o véo com branco, e com hum pincel ſecco ide ſolvendo, e aonde for neceſſario retocar com mais branco, ſe póde logo retocar.

PINTURA A' TEMPERA.

A Pintura á tempera não ſe differença da Pintura de oleo mais, que em ſer a cóla, e em algumas côres que ſe não uſão a oleo, como he Verde bexiga, e outro Verde eſcuro de Anil, e Jalde, e ainda o Montanha.

Differença-se tambem no apparelho; porque não leva imprimadura; e para que se veja o modo de usar as côres, ponhamos o apparelho, que se costuma usar.

Como se apparelha o panno, ou madeira.

Tomai o panno, e pregai-o em huma grade muito bem estirado, depois lhe dai huma mão de cóla, não forte, nem muito branda, senão que cubrá de algum modo: e se levar hum pequeno de Alvayade, como lavadura, ou agoarella, ficará melhor, logo debuxai, e colorî com as côres que quizeres. A madeira se concerta, nem mais nem menos, assim como dissemos para pintar a oleo, senão que não leva imprimadura, senão sobre o branco se debuxa; e quando colorires o panno advertî que, se depois de enxuto for necessario realçar, para o panno tomar bem a côr, que lhe tornais a pôr, que o molheis levemente pelas costas, que então se une huma

côr

côr com a outra muito bem: assim como tambem quando pintais a oleo, e quereis pôr alguma côr, que fique melhor, haveis de esfregar a parte, que quereis realçar, com hum pequeno de oleo, porque tambem assim fica unido.

Modo, que se ha de guardar no campir do painel.

Primeiramente depois de coloridas as figuras, que houverem de estar no painel, se começarão os pertos, logo os longes, e logo o Orizonte, e os Ceos. Nesta fórma: O primeiro monte, que são os pertos, se costumão a fazer com Branco, e Ocre, escurecidos com Roxo, ou Sombra de Cintra, os fortes mais escuros com Sombra de Osso; os altos se podem realçar com Masiquote, misturado com Branco aonde dá a luz. As Cidades, Encarnadas, realçadas com Branco, aonde dá a luz, escurecidas com Preto, ou Pardo, e Roxo; misturado tudo. O segundo monte será de Verde claro, escurecido com Verde mais escuro,

curo, ou com Purpura, que he a Sinopera misturada com Azul, e Branco. As arvores do segundo monte serão Azuis, os realços Verde claro. As casas de Purpura clara, escurecidas com outra mais escura. As janellas, e portas de Purpura bem escura.

O terceiro monte será de Azul, e Branco, realçado com algum Verde bem claro, e escurecido com Purpura clara; as arvores serão de Azul, e Branco muito claras, e assim hão de ser as casas bem realçadas com Branco.

Nos Ceos será o Orizonte de Masicote, e Branco, ou com Sinopera, e Branco bem claro, logo Azul claro, tudo banhado como que nasce do Orizonte, logo outro Azul mais escuro, que nasça hum do outro. E as nuvens serão de Branco, e com Purpura escurecidas. Isto he o mais commum, agora fica ao alvedrio do Pintor pintar as nuvens, e tudo o mais, como melhor lhe parecer.

As arvores do primeiro monte se hão de metter primeiro de Preto escu-

to, e logo suas folhas escuras pela banda de fóra com Verde, e Sombra de Osso, outras folhas seccas de Machim por fóra com Roxo Almagra. Depois desta arvore secca, será banhada toda com Verde, e logo lhe farão humas manchas nos altos com Verde, e Branco, e emcima deste Verde, e Branco vão abrindo as folhas com Branco, ou Masicote, ou com outro Verde, e Branco mais claro. E isto he o commum.

Modo de colorir em commum.

A ordem, que se guarda ordinariamente he esta: As Encarnaçoens, Branco com huma ponta de Vermelhão, e outra de Lacra; as Sombras á mesma Encarnação, como qualquer das Sombras, que já ficão ditas em seu lugar, e aonde houver de ser escuro, a mesma Sombra serve, ao alvedrio do Pintor. As Encarnaçoens robustas Zarquão, e Branco, ou Roxo, e Branco, as Sombras todas são humas. Os cabellos, Machim, e Branco, escurecidos com Sombra de Osso,

e Si-

e Sinopera, realçados com a mesma Encarnação, ou tambem Pretos, e realçados com a mesma Encarnação, ou de Sombra, ou de Ocre escuro, conforme á figura que se pintar; porque os cabellos huns são mais dourados, outros menos, outros pardos, &c.

As roupas Vermelhas, Branco, e Sinopera escurecidas com Sinopera tal; os mais escuros com Sinopera, e Sombra de Osso, tudo misturado. As roupas Azuis com Cinzas, e Branco os claros, e escurecidos com Azul, e os mais escuros com Purpura tal. As roupas Amarellas, os claros com Masicote, e Branco, escurecidas com Rosado, e os mais escuros com Lacra tal; como se vio já na annotação dos Cambiantes. A cóla, com que se usárem estas côres, não seja muito forte, nem tambem tão fraca, que tudo se despegue, senão em meyo. E este modo de colorir serve tambem para todo o modo de pintura.

PIN-

PINTURA A FRESCO.

A Pintura a Fresco não se differença dos outros modos mais, que em não se usarem nella todas as côres, e mais no modo de as assentar. As côres, que nella se usão, são Ocre claro, e Ocre escuro, Sombra de Cintra, Terra Roxa, Almagra, Pretos ordinarios de Lapis, Esmaltes, Verde Montanha, Verdacho; desórte que se não usão mais que as côres, que são de terra, ou de arêa, ou vidro; mas as compostas não. Todas estas côres ao assentar não levão cóla, nem gomma, nem alguma liga, sómente a cal sobre que se assenta; isto se entende nas tintas, que não vão aclaradas, e serão assim como se moem; porque quando vão aclaradas, serve então a mesma cal muito bem moîda, e se usa della como se fora Alvayade, e ella he a mesma liga: e que cal seja esta, que serve, se dirá logo abaixo, em seu lugar. O Esmalte, quando vay só, e o Verde

Montanha, concertão-se com leite de cabras, ou outro qualquer; e se vão aclarados levão cal, e não tem necessidade então de leite.

A pintura se faz em acabando logo de guarnecer a parede em fresco; e as côres se assentão muitas vezes, até que fartem bem a cal. E notai, que se não ha de guarnecer a parede mais, que aquillo que podeis pintar antes que ella se seque, e se não puderes pintar tudo o que está guarnecido, e se ha de seccar, haveis de botar abaixo tudo o que se não puder pintar em fresco, e depois torná-lo a guarnecer; quando houver tempo para acabar a pintura.

Os Encarnados fazem-se da mesma cal, e Almagra, ou Terra Roxa: O Roxo se faz de Esmalte, e Terra Roxa. A côr do Masicote se faz de Ocre claro, e a mesma cal; e assim todas as mescras, que se costumão nas outras pinturas. A cal, que servir por Alvayade, ha de ser moîda. O debuxo ha-se primeiro de fazer em hum pa-

pel

pel do tamanho do painel, e então se ha de picar, para se estrezir, que se faça a pintura mais certa, e com mais brevidade. Os pinceis hão de ser de sedas compridas, e pouco atadas, para que não desflorem a cal; e para as cousas mais delicadas se usão os outros communs.

A cal da pintura a fresco ha de ser velha de dous, ou tres annos, ou mais; e ha de estar todo este tempo sempre em agoa, como se faz á que serve no estuque. E ha de levar arêa de rio, ou de agoa doce, peneirada. E a agoa com que se amassar ha de ser agoa de fonte, que não seja salobra, nem salgada; e será tanto de cal, como de arêa; ou duas partes de arêa, e huma de cal. A outra cal da primeira guarnição do embuçar, será da outra cal commũa, com arêa, aindaque seja mais grossa, e tambem meada; e depois do embuçar se pôem logo a primeira cal, de que fallamos, ao modo de estuque; e se ficar parda algum tanto, ou almecegada, assim ficará melhor: aca-

bado

bado isto, se pôem o papel picado, e se bota o pó de carvão, e pelo debuxo que fica se vay perfilando, e logo pintando: e notai, que he necessario deixar a pintura sobre o escuro, porque logo em se seccando aclara muito.

Tambem costumão fazer a fresco de rascunho em paredes, figuras, e lacarias, e tudo o que querem, como se vêem muitas quintas, e fazem deste modo: Guarnecem a parede de cal com preto, e depois de secca, e feita toda preta, dão-lhe outra mão de cal a colher, ao modo do estuque; e quando se quer ir seccando, ou logo em fresco, vão abrindo o debuxo com hum prego, ou estilo duro, e vão rascunhando o que querem, fazendo com o rascunho amiudado os escuros, como quem rascunha, e fica então apparecendo o debuxo em preto do preto, que estava por baixo. As mais lembranças, que pudêra fazer para a Pintura de fresco, com o uso se podem alcançar.

PIN-

PINTURA DE ILLUMINAÇAÕ.

A Pintura de Illuminação se faz em pergaminho; e o melhor he o de Flandes respansado, que o de Castella não he bom. Nella se guarda a mesma ordem, que temos dito da Pintura á Tempera, tirado, que nos Encarnados, nos altos delles, ha de ficar o pergaminho tal, e aquelle mesmo Branco; porque de tal modo se vay apalpando com a Lacra, e Sombra, que sempre o pergaminho fique servindo com a sua mesma côr.

Nomes das tintas, que servem para a Illuminação.

As tintas, que servem, e são melhores, são as seguintes: Branco Genuisco, he o melhor; Vermelhão, o de fevera mais comprida, he o melhor; Verde Terra, o da côr mais formosa, he o melhor, e seja bem delgado; Verde Montanha, he hum Verde azulado, mais delgado que o Ver-

de

de Terra; Azul de Cabeça; Cinzas, tambem Azul; Ocre claro; Lacra; Verde Bexiga; Ocre escuro; Catasol; Anil, o de tavoleta he o melhor; Brasil; Jenolim, ou Masicote, o de paens he o melhor; Bollo Armenico; Zarquaõ, em torroens, he o melhor; Ferrugem; Maquim; Sinopera; Carmim.

Modo como se lavão as tintas.

As tintas, que se lavão, e apurão sem se moêr, são estas: Cinzas, Masicote, Alvayade, Zarquão, Tamarão, Gomma Arabica de molho, e espeza como mel, e tomarâõ as tintas huma por huma, e em huma altamia, ou qualquer tigela vidrada, e com o dedo polegar moerâõ a côr muito bem com esta gomma. E depois lançar-lhe-hão agoa clara pouca, e pouca, e irão dessfazendo a gomma até ser muito solta. Depois, em quanto se diz hum Credo, a deixem assentar, e logo vazem a agoa em outra porcelana, e deixem-a estar hum quarto, logo a vazarâõ em outra, a qual estará compondo-se huma

noite

noite toda: e note-se, que o pé destas tintas, he o que serve, tirado do Branco, Masicote, e Zarquão, que não prestão mais, que para Pintores. Depois tomai estas porcelanas, e tirai-lhe levemente as côres, e guardai-as; porque humas são mais claras, e outras mais escuras.

As côres, que se móem, lavão, e apurão, são estas: Azul de Cabeça, Vermelhão, Verde Terra. Depois de moîdas se lavão, como já disse das outras; mas sejão muito bem moîdas na pedra.

As côres, que se móem com agoa de gomma sem mais purificação, são: Ocre claro, Anil, Bollo Armenico, Ferrugem peneirada, e bem secca.

Ocre escuro, Lacra, Sinopera, se móem tambem com gomma, e depois lhe lanção huma pouca de água, com hum dedo de mel, pouca cousa, ou açucar cándi.

O Machimo te-lo-hão primeiro de molho em ourina de moço virgem, ou çumo de lima, e com ella o moe-

rão

râõ em lugar de agoa, e com gomma se usará. Verde Bexiga com agoa tal se contenta.

Como se fazem as mesclas das côres.

As mesclas se fazem assim: O Rosado com Lacra, e Branco; e confórme a mistura que se fizer, assim ficará claro, ou escuro. Pombinho, se faz assim: Tomai Lacra, Branco, e Cinzas, e ide compondo o Pombinho. A Purpura se faz deste Pombinho, como fica dito, e lhe lançarâõ das Cinzas mais azuladas, e hum pouco de Brasil. Verde Terra, se mistura com Verde Bexiga, e faz huma côr escura, serve para campos de letras. E misturado o Verde Terra com Masicote, faz hum Verde gracioso. Tanbem Verde Terra com Machim faz outro Verde gracioso.

As mesclas das molduras são differentes, tomai Ocre claro com Zarquão, ou Vermelhão, e serve para os claros, e os escuros serão de Lacra, ou Ferrugem, e os realços de ouro.

Outro

Outro modo, Ocre escuro, e Vermelhão, com hum pouco de ouro do mais baixo, misturado tudo, e assentado, depois de secco se burnirá com o dente, e se póde assombrar com Lacra fina, e realçar com ouro.

Outro modo, Ocre claro com Vermelhão, e Ferrugem, e tudo mexido fica huma mescla boa, os riscos serão pretos, e sobre elles outros de ouro, ou prata, ou branco.

Como se assombrão as côres.

Toda a côr se assombra com a sua contraria. O Verde Masicote, Machim, se assombrão com Verde Bexiga, ou Lacra.

O Azul, Zarquão, Rosado, Ocre claro, se escurece com Lacra. Ouro com Ferrugem, ou Ocre escuro. A Prata, ou Branco, se assombra com Anil, ou Ferrugem. A Lacra se assombra com Ferrugem, e realça com Branco, Masicote com Azul, ou Anil, ou Verde Bexiga. As Sombras de ouro, ou prata serão Ferrugem, ou Ocre escuro.

Os

Os campos ſe enchém duas vezes, a primeira vez fraca a côr, e depois forte, e groſſa. O campo de ouro ſerá primeiro com Ocre claro, não muito forte, e logo o outro por cima depois da côr enxuta, e depois ſe burne pondo-lhe hum papel por cima, por ſe não desflorar.

Outro modo das ſombras, e realços.

Vermelhão ſe aſſombra com Lacra, e ſe realça com Zarquão. Azul ſe eſcurece com Lacra, e ſe realça com Alvayade. Verde Terra ſe eſcurece com Verde Bexiga, e o realço he Alvayade, ou Maſicote. Ocre claro ſe eſcurece com Ocre eſcuro, e ſe realça com ouro. Zarquão ſe eſcurece com Lacra, e ſe realça com Alvayade. O Roſado ſe eſcurece com Lacra delgada, e ſe realça com Alvayade. Maſicote he realço do Ocre cláro.

Gomma, como ſe concerta para illuminar.

Tomarão a Gomma Arabica (que a ou-

a outra de Ethiopia, que he vermelha, não presta para illuminar; e pizada hum pouco, a botaráõ em agoa, que a cubra, e estará assim dous dias; depois coar-se-ha por hum panno, e a grossa será para moêr as tintas, e a delgada para illuminar.

Para moêr ouro para illuminação.

Tomaráõ hum pequeno de sal cozido, conforme ao ouro, que se houver de moêr, e moê-lo-hão em huma pedra, muito bem moîdo; depois lhe irão lançando os paens d'ouro pouco, e pouco; e indo sempre moendo por espaço de huma hora com força. E para saber se está já moîdo; tomarâõ hum pequeno, e po-lo-hão na borda da altamia em agoa; e alli quando se desfaz, se vê se está já bem moîdo. Depois disto, tomaráõ este ouro todo, e botá-lo-hão em huma porcelana, lavando-o sempre com agoa clara; até que a que deitar não tenha sabor do sal, que se moêo à principio. Depois de muito bem lavado se porá em hu-

ma vieira ao ar do lume a enxugar em brazas, sem fumo, e depois de enxuto use-se com agoa de gomma, e do mesmo modo se faz á prata.

Para fazer cór Roseta.

Tomem páo do Brasil, e raspado com hum vidro tomaráõ as raspaduras, e botá-las-hão em huma panella vidrada, e a huma onça de Brasil botaráõ seis de vinho branco, e esteja assim de molho vinte e quatro horas, e logo se porá ao fogo, e ferverá até que mingue a terça parte, e tirar-se-ha logo fóra a panella, e lancem-lhe meya onça de pedra hume moîda, e para se affinar mais, lancem-lhe meya onça de cal virgem, ou graã em grão, e meya onça de gomma Arabica, e depois de coada se póde usar.

Para Brasil.

Tomaráõ páo do Brasil, que seja doce na lingua, e fá-lo-hão em rachas miudas, e botar-lhe-hão agoa em quantidade, que fique tres dedos coberto

berto o páo, e eſtará aſſim de molho hum dia, e huma noite, e depois ferverá até que gaſte quaſi ametade, e depois de frio lancem o páo a huma parte, que fique a agoa ſó, na qual botarão huma pequena de gomma Arabica, e huma pequena de agoa ardente, e eſteja aſſim até que a gomma ſe derreta, mexendo-a cada dia duas, ou tres vezes, e como for derretida, ponha-ſe outra vez ao fogo brando, e em começando de ferver lhe botem pedra hume bem pizada, pouca, e pouca, até que faça a agoa muito vermelha, e quando já eſtiver (provando-a na unha) em côr de carmeſim, botem-lhe huma pequena de pimenta machucada, e como ferver tire-ſe do fogo, e coe-ſe, e guarde-ſe em hum vidro, e uſe-ſe.

Para Cataſol.

Tomem lirio muito bem pizado, e ponha-ſe em huma eſcudéla, e eſteja aquella maſſa aſſim ſeis dias, e acabados, deitem-lhe pedra hume, como

quem salga, e esteja assim dous dias; e acabados estes dias, esprema-se, e molhem pannos naquelle çumo, e enxuguem-se ao ar até que fação corpo, e quando quizerem obrar seja com agoa de gomma.

Para fazer Verde Bexiga.

Tomarâõ as sementes dos espargos em Settembro, as quaes tem muita semelhança com a manjarona, e esta semente será muito bem machucada, e depois tomarâõ pedra hume, e huma pouca de ourina de carneiro, e espremido tudo isto assim junto por hum panno, lançarâõ o çumo em huma bexiga de carneiro, e pôr-se-ha ao fumo até que todo este çumo se secce, e faça hum corpo, e depois cortai a bexiga, e tirai o verde, e usai-o. Outro se faz de arruda, e herva moura pizada, e o çumo botado com fel de cabrito em huma bexiga ao fumo.

Para fazer Verde Lirio.

Colhem-se as flores do Lirio até chegar

chegar ao amarello, e machucadas em hum gral, lhe porão huma pequena de pedra hume, quanto seja huma casca de noz, e tudo isto assim será pizado, e depois espremido por hum panno. E neste licor botai pannos, e os tornai a enxugar muitas vezes para podouros, e este Verde se usa sobre o Verde Bexiga, e faz mistura tambem com o Verde Terra.

Vermelhão, como se concerta, e faz.

Vermelhão he pedra, que se acha em minerães. Mas o ordinario he feito por artificio, com enxofre, azougue, e fogo. Toma-se hum pucaro novo, e nelle se bota o enxofre, e o azougue, partes iguaes, e depois se barra muito bem, que não saya o bafo fóra, e posto ao fogo até que se encorpore huma cousa com outra por espaço de cinco, ou seis horas.

Concerta-se assim: Tomem o Vermelhão, e muito moîdo com agoa o deixem seccar, e lancem-lhe huma fevera de açafrão, e quando o quizerem

usar

usar tomem o que quizerem, e desfação-no com agoa de gomma, e com leite de figueira. E se for para rabiscar, lavem-no como o Azul, e temperem-no com gomma, e leite de figueira; e quando não quizer correr, deitem-lhe vinho branco, ou vinagre, ou hum pouco de mel, e quando fizer escuma botem-lhe huma pequena de cera da orelha.

De outro modo se faz: Tomaráõ a clara do ovo em huma tigéla vidrada, e esteja até que se seque, e depois de secca se desfaça com agoa limpa, e botem-na no Vermelhão moído, e use-se.

Gomma para o Azul.

Tomaráõ hum quartilho de vinho branco em huma vasilha vidrada, e lançar-lhe-hão duas onças de gomma Arabica, e logo se cozerá pouco, e pouco, até que mingue de quatro partes huma, e depois coar-se-ha, e quando quizerem usar o Azul, usarâõ desta agoa para o desfazer.

Como se destempera o Azul.

Tomarâõ o Azul em pó, e deita-lo-hão em huma concha com quantidade de agoa, que se amasse; e tomem agoa gommada, que não seja muito fraca, nem muito forte, e lancem-na no Azul pouca, e pouca, e dahi a hum pedaço podem lavrar com elle.

Verdete, como se faz, e se usa.

Laguna interprete de Dioscorides ensina a fazer Verdete, a que chama raspado, nesta fórma: Tomai huma vasilha de vinagre muito forte, e ponde-lhe na boca (que não chegue ao vinagre) humas laminas de cobre, e tapai logo a panella, que não fique por onde respirar, e deixai-a estar dez dias, depois tirai as laminas, e raspai o Verdete, e tornai a fazer o mesmo. Outros tomão as limaduras do cobre, e com vinagre bem forte, e tapão a panella muito bem sem respirar, e a pôem ao Sol no Estio, e no Inverno

sobre

ſobre fornos, até que ſe componha huma couſa, e outra.

Piamontez o enſina a fazer deſte modo: Tomarâõ vinagre forte, e de laminas de arame limpo de todo o pó, e ferrugem, oito onças; de ſal commum, quatro onças; de raſura de vinho tinto, duas onças; de ſal Armenico, meya onça; e tres onças de água forte, e deſtemperada com o vinagre, e eſtarâõ as outras couſas todas em pó, o vinagre ſeja ſem medida, e quanto mais quanto melhor, porque ſe fica, ſempre he bom. Tudo iſto porão em huma panella vidrada, e tapá-lahão muito bem, e barrada, que não reſpire. Depois ponde-a debaixo do eſterco por quinze dias, depois tirai-a, e esbarrai-a, e tirai-lhe o vinagre pouco, e pouco; tomai então o Verdete, que fica em huma caixa de páo, e tapando-a muito bem a tornai a pôr debaixo do eſterco por oito dias, e então o tirai, e o uſareis deſte modo.

Tomai o Verdete, e desfazei-o com çumo de limão, deitai-lhe huma

ma fevera de açafrão, e ufai delle.

D'outro modo: Tomai o Verdete, e botai-o em çumo de limão por oito dias, e botai-lhe huma migalha de gomma, e depois ufai delle, que fica muito bom. Os mais modos já fe differão na pintura de oleo.

Como fe faz o Alvayade.

O mefmo Laguna enfinando como fe faz o Alvayade, a que chama Cerufa, diz que fe faz, nem mais nem menos, como differmos do Verdete, na fua annotação primeira, fenão que as laminas hão de fer de chumbo. E depois dos dez dias fe deftapa a vafilha, e fe tira o vinagre limpo, e o pé que fica, que he o Alvayade, fe móe na pedra depois de fecco, e fe peneira, e o que fahe primeiro he o melhor, depois fe compõem em paens com vinagre, e tudo muito bem moîdo fe feccará ao Sol; o chumbo, que fe não acabou de confumir, fe torna outra vez ao vinagre.

Como se faz o Zarquão.

O Zarquão diz o mesmo Laguna que se faz assim: Tomai humas laminas de chumbo muito delgadas, e ponde-as em huma panella nova; huma cama de laminas, e outra de enxofre moîdo, e assim continuando até encher a panella, e logo pô-la ao fogo, meneando tudo com huma vara de ferro; mas tende os narizes tapados, porque he o vapor muito damnoso. Outros em lugar de enxofre pôem Alvayade, e tapão a vasilha muito bem, e só lhe deixão hum buraco pequeno, por onde respire, e a pôem no forno, (e isto he o melhor) até que se queime muito bem.

Para assentar ouro em seda, papel, ou pergaminho.

Tomarâõ clara de ovo bem quebrada, de cinco, ou seis dias, que seja bem podre, e Bolo Armenico, e guis mate; convêm a saber, tres partes de guis, ou gesso, e o Bolo

seja

ſeja quanto lhe dê huma pequena de côr, e partido aſſim, deitem-no na pedra, e depois de muito bem moido com a clara, que lhe irão botando pouco, e pouco; lhe lancem juntamente hum pequeno de açucar cándi, ou huma gotta de mel, e huma pequena de cera da orelha. E advirtão, que não ſeja muito baſto, nem muito ralo, ſenão em meyo, e com eſta tinta fação as letras, e depois de enxutas bafejem-lhe, e ponhão-lhe o ouro, e burnão logo.

Outro modo para ſeda: Tomai alguma tinta concertada a tempera, e com ella lavrai as letras na ſeda, e depois de enxutas, ponde o mordente pelos meſmos riſcos já eſcritos a tempera, e como eſtiver em ſazão podeis dourar. E notai, que não ſayais com o mordente fóra do que eſtá eſcrito, porque logo repaſſa.

Outro modo: Tomai leite do pé de figueira em huma concha, e deitai-lhe huma fevera de açafrão, desfazendo-o no leite, e com elle eſcrevei, e

depois

depois de enxuto bafejai-lhe, e aſſentai o ouro, e alimpai com algodão.

Outro modo: Tomai geſſo mate tres partes, e huma de Bolo Armenico, e gomma Arabica, e depois de tudo encorporado, eſcrevei, e eſtando rezente para ſecco aſſentai o ouro, e burni.

Para aſſentar ouro em pedra, páo, vidro, e couro.

Para aſſentar ouro em pedra, ſe ha de guardar a ordem ſeguinte: Primeiramente ſe ha de imprimar, e depois de ſecca a imprimadura ſe lhe ha de pôr o mordente, e como eſtiver em fazão, dourar: mas deſte modo, com a humidade da pedra, nos dias de chuva não tem luſtro o ouro, e para que a humidade o não penetre, ſe fará deſte modo: Depois de imprimada a pedra, e poſto o mordente, lhe aſſentai folhas de eſtanho ao modo de quando dourais, e depois de aſſim eſtanhada, lhe ponde outra vez outra imprimadura, e outro mordente, e

podeis

podeis dourar, que então fica o dourado com lustro, e fóra de humidade; e depois se quizeres perfilar alguma cousa sobre o ouro, perfilai com Ocre escuro, ou com Sombra.

O páo se doura de dous modos: a hum delles chamão Ouro mate, como he o que fica acima dito, que assim serve tambem no páo como na pedra; e o outro se chama Ouro burnido. O Ouro mate se assenta sobre o páo apparelhado, como dizemos na pintura, até ser imprimada, e depois se lhe pôem o mordente; e quando está já quasi secco se lhe assenta o ouro com algodão. E se quizeres fazer hum ouro muito formoso, que pareça ouro burnido, fazei que o mordente seja polimento de Ocre claro, ou escuro, e depois de estar muito polido, e liso, (que nisto está sahir o ouro bom) depois de enxuto lhe assentai o ouro; que ficará muito formoso, e tão bom como se fora burnido.

O ouro burnido se faz assim: Depois

pois de eſtar o páo encolado, lhe daí huma mão de geſſo commum, e ſeja ao modo de lavadura delgado, e ſe na cóla lhe botares huma cabeça de alhos, ſerve para que não ſalte; depois lhe dai tres, ou quatro maõs de geſſo mate, o qual ſe faz aſſim: Toma-ſe o geſſo commum, e depois de moído, e peneirado, ſe bota em huma panella cheya de agoa clara, e cada dia ſe lhe muda, e ſe bate duas, ou tres vezes; e aos dez dias fica geſſo mate, então o tirai, e ſeccai, e uſai delle. Depois de dares eſtas maõs, que digo, lhe dareis duas de Bolo commum, e depois outras duas de Bolo fino, e ſejão todas eſtas maõs dadas com cóla quente; depois de enxuto, quando quereis dourar, molhareis muito bem, e ſobre o molhado com agoa clara aſſentai o ouro; e depois de ſecco burni com o burnidor, que ſe faz de pederneira muito liſo; e ficará o ouro muito formoſo. Para ſe dourar o caderno de hum livro ſe ha de guardar eſta ordem: Tomarão

rão huma clara de ovo, e botar-lhe-hão huma gotta de agoa, e depois baterão tanto esta clara, até que se faça em escuma, depois a agoa que sahir desta escuma he a que serve. Com esta agoa cobrirão tudo o que se houver de dourar; e depois de enxuta se lhe porá por cima hum toque de azeite, e logo o ouro por cima; depois com o ferro quente em fórma, que possa aquentar a clara do ovo, que já está secca, e depois de impressos os lavores, que quizeres, alimpai com algodão, e só ficará o ouro aonde carregastes com o ferro. Isto se póde fazer tambem em borzeguins, e em çapatos, e em todo o couro que quizeres.

E se quizeres dourar as folhas do livro, guardai esta ordem: Tomai o livro, e ponde-o na emprensa muito bem apertado; depois o raspai com huma faca muito bem, depois de bem cortado, e logo depois de raspado o burni, e acabado de burnir lhe dai huma mão com a clara de

ovo

ovo, como fica dito, e estando a clara ainda fresca, tomai hum pequeno de Bolo Armenico moîdo, e com o dedo o ide pondo sobre a clara, e esfregando até que as folhas fiquem da côr do Bolo Armenico. Depois de enxuto lhe tornai a dar com a clara outra mão, e estando em fazão, e quasi enxuta, lhe ponde o ouro, e depois de enxuto burni com o dente, e lhe imprimi com o ferro os lavores que quizeres.

E se quizeres fazer as folhas de ouro sobre côres, guardai esta ordem: Tomai a mesma clara, e com ella concertai o Verde, ou Azul. O Verde seja montanha, ou o que se faz de Anil, e Jalde, e o Azul, ou Alvayade, e Anil, ou de Orchilha, e depois de enxuto o burni muito bem: tornai-lhe a dar logo com outra mão da clara de ovo, como fica dito, e tanto que estiver enxuta, lhe ponde o ouro, e logo com o ferro quente ide lavrando, e só ficará o ouro aonde o ferro imprimir, e alimpai com o algodão.

Para

Para dourar o vidro ſe ha de fazer o mordente liquido, que corra pela paleta, e ha de ſer de Ocre eſcuro, para bom, ou dourado. E com elle lavrai no vidro o que quizeres; depois de reſente para ſecco lhe aſſentai o ouro; e como o ouro pegar em todo o vidro, com o meſmo algodão tocado no cuſpinho alimpai, e ficará ſó o ouro pegado no mordente.

Para dourar huma rodéla, ou bandeja ao modo da China, notai, que ſe ha de apparelhar, como diſſemos da outra madeira; e depois da imprimadura lhe dareis a côr que quizeres a oleo tambem, ou preta, ou vermelha, &c. Depois de muito bem enxuta, que não pegue nella ouro, debuxai com o mordente, de que tratamos no dourar do vidro; e depois que eſtiver em fazão aſſentai o ouro, e depois de dourado, e muito bem enxuto envernizai toda a rodéla, ou taboleiro com vernìs de eſpique, que hè muito ſeccante; e depois póde-ſe

lavar com agoa quando estiver çuja, porque se não desflora cousa alguma.

Para estofar huma figura.

O estofo de figuras, ou de roupas, ou tudo o que quizerem estofar, não se faz senão sobre ouro burnido, e guarda-se esta ordem: Primeiramente, sobre o ouro, que quereis estofar, haveis de dar huma mão, ou duas de Alvayade, concertado com gemma de ovo, o quál se concerta assim: Tomai a gemma sem clara, e botai-lhe huma ponta de agoa, e depois batei-a muito bem, e com esta composição haveis de concertar as côres, como se fora cóla, ou gomma. Depois de dadas estas maõs de Alvayade, que fique a figura muito alva, ide então colorindo o damasco, ou téla, ou ramos, ou passarinhos, ou o que quizeres, que então servem aqui as côres da illuminação com esta composição da gemma de ovo, e servem os realços todos; depois de tudo lavrado ao pinzel, e enxuto, ide então ris-

cando,

cando, e abrindo a pintura com hum eſtîlo de páo, ou de prata, ou hum ponteiro duro, do que quizeres, e ficareis deſcobrindo o ouro, aonde vos parecer bem, e para ſe fazerem huns alcachofres, como tem o brocado, fazei hum ferro, como punção, em que eſteja aberto o modo, que melhor vos parecer, e com elle punçai. E quando o ouro não tomar bem a côr do Alvayade primeira, miſturai-lhe huma ponta de fel.

Para fazer hum painel com tres figuras, que huma ſó appareça á viſta.

Para ſe fazer hum painel de tres figuras, que cada qual ſe veja por ſi, e não todas juntas, ſe fará aſſim: Fazei huma grade, do tamanho que quereis o painel, e na regra do alto da cabeça, e na debaixo dos pés haveis de dar humas ferraduras com huma ſerra delgada, até quanto ſeja o comprimento de huma unha, e quanto tiver de altura a ſerradura, tanto ha de

ter de largura de huma à outra, e assim irão serrando estas duas regras igualmente; depois de serradas, assentareis nas costas da grade hum painel, que já estará feito, nem mais, nem menos, como se a grade fora feita só para elle.

Depois tereis já dous paineis pintados do tamanho da grade, os quaes fareis em tiras da largura das serraduras, e grudareis estas tiras de hum painel com as do outro painel, por esta ordem, que a primeira deste se grudará com a derradeira do outro, com as costas hum para outro; e logo a segunda com a antepenultima; e logo as ide assentando, começando na primeira serradura da mão esquerda do painel; e assim quando por esta ordem as fores grudando, e assentando, quando puzeres o painel na parede, vereis a figura fronteira, sem que vejais as outras; e depois quando vos puzeres da ilharga esquerda vereis outro sómente, e da ilharga direita outra sómente. E se quizeres fazer isto

mais

mais facilmente, tomai humas taboletas de faya, donde fazem as bainhas de efpadas, e eftas ordenadas como painel, pintai nellas; e depois as virai huma, e huma, e nas coftas pintai a outra figura; e depois as encaixilhai nas ferraduras, como fica dito.

Para fazer hum painel, do mefmo modo, com duas figuras.

Tomai huma taboa, e nella mandai fazer o painel, do tamanho que quizeres, e feja groffa, para que nella fe poffão abrir huns canaes, que venhão os altos a fer como as duas faces de triangulo direito; e que vão todos iguaes, tão largos huns, como os outros, como fe vê nefte

EXEMPLO.



Te-

Tereis então já pintados os dous paineis, e cortá-los-heis tambem em tiras tão largas, como he huma da banda dos canaes, ou triangulos, e por ordem ireis assentando a primeira tira de hum painel na primeira face do triangulo, e logo no segundo a segunda, e assim as outras do primeiro painel. Depois tomai as outras tiras do outro painel, e ponde a derradeira nas costas do triangulo, adonde puzestes a outra primeira, e logo a penultima ponde-a nas costas do triangulo, adonde puzestes a segunda tira do primeiro painel, e assim ide pondo as outras por esta mesma ordem, e ficareis então fazendo hum painel, que tenha duas figuras, huma, que se veja da ilharga esquerda, e a outra da ilharga direita.

Outra invenção destas figuras.

Esta taboa assim feita em triangulos, como fica dito, se desta sórte quizeres fazer hum painel curioso, fareis que os triangulos fiquem atravessados

ſados da mão eſquerda para a direita, e aſſim lhe poreis as figuras, nem mais, nem menos, como fica dito no painel de duas figuras. Mas a figura de cima lhe poreis os pés para cima, e a cabeça para baixo: depois ponde hum eſpelho por cima, ao modo de guarda pó, e ponde o retablo em lugar de altura boa de hum homem, vereis huma figura fronteira, e a outra figura ficar-ſe-ha vendo no eſpelho. E ſe lhe puzeres cortina quando tiveres coberto o retablo, tambem não vereis couſa alguma no eſpelho; e quando o deſcobrires, então vereis a do eſpelho, e a outra fronteira.

Outra invenção deſtas figuras.

Daniel Barbaro enſina a fazer huma figura, de modo que viſta a meſma figura de huma ilharga pareça outra couſa differente, do que parece defronte. E diz aſſim na ſua *quinta parte cap.* 1. *e* 2. de ſua Perſpectiva: Tomai huma folha de papel, na qual debuxareis duas cabeças humanas, ou

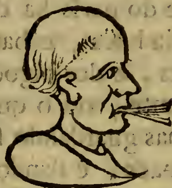
o que

o que quizeres, depois picai estas figuras, que debuxastes, com hum alfinete grosso, que fiquem os buracos grandes; depois tomai a taboa apparelhada, aonde quereis pintar as mesmas duas cabeças humanas, a qual estará muito plana, e polida; tomai depois o papel, que está picado, e ponde-o sobre a cabeça da taboa, que fique o papel justo com os cantos da taboa, como se ella fora huma parede, e o papel que fosse taboa, que fique em esquadría perfeita; depois de teres isto assim feito, endireitai a taboa com o fio, ou talho ao Sol, segundo sua altura, até que passando os rayos pelos pontos picados do papel, que são como entrevistas, se veja na taboa, que os rayos do Sol escrevem as ditas cabeças humanas; e assim como as riscas apparecerem, assim as debuxareis, as quaes serão largas, e estreitas, em fórma, que pondo-vos a huma parte da taboa, não vos parecerão cabeças, mas humas linhas direitas, e outras tortas, sem fórma al-

guma; mas se vos puzeres ao ponto donde vierão os rayos do Sol, então vos apparecerão as cabeças, assim como estão debuxadas. Mas ha de supprir aqui a habilidade do Pintor perspectivo, que depois conforme a estes lineamentos, que apparecem fóra do ponto, há de saber dissimular as linhas, e a testa ha de fazer que pareça hum rochedo, e do narîs ha de fazer hum tronco, e da boca, e barba ha de fazer as raîzes, e dos bigodes ha de fazer huma fonte, ou o que melhor lhe parecer; mas guardando sempre as linhas principaes, e dando as côres em as partes, que vir que são necessarias para não desfazer o debuxo principal; e póde fazer rios, serras, longes, e pertos, em o mais campo da taboa, que fiquem vendo-se, não da ilharga donde leve a figura, senão da vista fronteira; e para isto não tem necessidade de usar de papel picado, senão pintar á vontade, para dissimular a figura principal. E note-se, que tambem os rayos da candêa podem servir,

como servem os do Sol. O mesmo Author, na sua nona parte, traz hum instrumento do modo de pôr as cousas em perspectiva, que tomou de Alberto Dureiro: quem o quizer saber, nestes dous Authores os póde vêr.

EXEMPLO DO SOBREDITO.



Modo facil para copiar huma Cidade, ou outra qualquer cousa.

Para com facilidade poderes copiar huma Cidade, fareis hum quadrado do tamanho, que quereis copiar a Cidade, e ponde-lhe huma rede estirada, de modo que fiquem as malhas todas direitas na sua proporção. Depois no papel, ou taboa, em que que-

reis copiar, fazei a mesma rede de riscas com outras tantas malhas. Depois ponde-vos de paragem, donde descubrais a Cidade, e donde vos fique melhor, e ponde o olho em hum ponto, para que não percais a vista perfeita do perfil, e assim podeis facilmente copiar; porque a torre, que fica em huma malha da rede, buscai nas riscas a malha, que lhe responde, e alli ponde a torre; e na outra malha, aonde apparece a arvore, ponde-a tambem na outra, que lhe responde no papel, e assim, pouco, e pouco podeis copiar a Cidade, ou o que quizeres.

E se o que quereis copiar he cousa de pintura, tambem se póde copiar fazendo huma grade na pintura, que responda ás ditas malhas; e outra no papel, ou painel, em que quereis copiar; e assim podeis ir pelas malhas copiando, pouco, e pouco.

Daniel Barbaro na sua nona parte cap. 5. ensina outro modo de copiar Cidades, e tudo o mais que quizerem, e diz assim; Fazei hum buraco

detraz

detraz de huma janella, da banda de dentro, na proporção, e distancia donde vos fica fronteira a Cidade, ou o que quereis ver, e o buraco seja tamanho como he o vidro de hum oculo. E tomai hum oculo de velho, que tenha algum tanto de corpo no meyo; e não seja concavo, como os oculos de moços, que tem a vista curta, e encaixai este vidro no buraco determinado, cerrai depois toda a janella, e as portas, da estancia, onde quereis fazer isto, de modo que não tenhais mais luz, que aquella, que vem do vidro.

Tomai depois huma folha de papel, e ponde-a descontra o vidro tanto apartado, que vejais miudamente na folha de papel tudo aquillo que está fóra de casa, o que se faz em huma determinada distancia, mais distinctamente: o que achareis encostando, ou apartando a folha de papel do vidro até que acheis o sitio conveniente. E assim vereis no papel as cousas, que quereis, na fórma em que ellas estão; mas importa fazer isto em dia claro,

c com

e com o Sol muito fermoſo: e fazendo experiencia, vereis que vidro melhor repreſenta, e o que repreſentar ireis perfilando, eſtando firme o papel, que ſe não perca o perfil.

Outro modo.

Para copiar huma Cidade, ou o que quizeres em breve eſpaço, tomai hum eſpelho, ou hum vidro claro, cryſtallino, do tamanho que quizeres; e ponde-o em paragem donde poſſais nelle bem ver o que quereis copiar, e então na repreſentação, que vos fizer, ireis com o pincel lançando as linhas principaes, e o perfil do que quereis copiar, e ſeja com alguma tinta de oleo. Depois que dentro no eſpelho, ou vidro tiveres eſcrito, e perfilado tudo, tomai outro tamanho papel limpo, e ponde-o ſobre os perfiz, que eſtão já no eſpelho, ou vidro, para que o papel o receba em ſi. Depois de enxutos, no papel o podeis picar muito miudo, e depois eſterzilo ás direitas; porque no eſpelho fica ás

aveſſas,

aveſſas, e pelos perfiz certos podeis ir colorindo, do meſmo modo que as couſas vos apparecem, a muralha, a torre, as caſas, &c.

Outro modo de copiar.

Para fazer hum retrato do tamanho do vivo ſe ha de guardar eſta ordem, para que depois ſe poſſa fazer bem ao vivo, e Iconico. Tomai hum vidro do tamanho do roſto, que quereis retratar, e ponde-lho no roſto, que tome todo o perfil, que melhor vos parecer, perfilai; e o perfil ſerá com tinta de oleo, aſſim como diſſemos acima. Depois tomai huma folha de papel, e ponde-a ſobre os perfiz, que já eſtão no vidro, para que os receba, e depois o picai muito bem, e por elle aſſim picado podeis eſterzir, e ficará ás direitas; porque o perfil tambem foi ás direitas. Depois podeis ir colorindo, tendo diante a peſſoa, que retratais; porque como o perfil eſtá ao certo, muito facil ſerá, a quem ſabe, depois imitar ao vivo.

Para

Para fazer vernîs.

Para se fazer vernîs, que usão os officiaes de gadamexins, se faz nesta fórma: Tomai a graxa que quizeres, e oleo de linhaça, igual parte, e ponde-a ferver assim a graxa como o oleo, cada hum em seu pucaro; e para saber quando estão em sazão, a graxa se menecará com hum páo, e como não tiver graã, que desfazer, então está já em sazão: e o oleo para se saber quando está fervido, mettei-lhe huma penna dentro, e se estalar, já está cozido. Depois misturai huma cousa com a outra, assim em quente; e quando o quizeres usar, aquentai-o ao Sol, ou ao fogo, e estendei muito bem, achareis que tem lustro bastante, e he seccante: mas no branco se não dê, porque não faz obra boa: mas nas mais côres sim.

Outro modo.

Outro modo de fazer vernîs he para madeira, e se faz assim; Tomai

duas

duas partes de almecega, e trementina de betá huma parte, fezes de ouro as que quizeres, hum, ou dous dentes de alho, e de oleo quatro partes; ferva-se o oleo, e logo na fervura se lança a almecega, e logo as outras cousas, e se quereis que seja cheiroso, botai-lhe o cheiro que quizeres, e ponde-o a curar ao Sol; e quando o quizeres usar, seja quente, e estendei bem.

Para fazer betume de imbutìr, que pareça marchetado.

Para fazer betume para imbutir, se fará deste modo: Tomai Lacre pizado, e pez, ou resina, e fervido tudo, mas não muito fervido, porque se faz levado, deitai-lhe a côr que quizeres moîda muito bem, e depois botai este betume, assim quente, nos debuxos, que tiveres lavrados; e depois de secco lavrai com a garlopa, e ficará muito bem imbutido, que pareça marchetado.

Para

Para fazer tinta preta para pergaminho.

Para huma canada de vinho branco, e ſe for vinho branco verde, tanto melhor, lançai quatro onças de galhas partidas, e eſtejão de molho dez, ou doze dias, mexendo-as duas, ou tres vezes cada dia; e depois deſtes dias coai eſte vinho, e ponde-o ao lume até que queira começar a ferver, e então o tirai fóra do lume, e lhe lançai tres onças de caparroza, mexendo por eſpaço de quatro Credos, e iſto feito eſtaráõ preſtes tres onças de gomma liquida como termentina, que tereis já feita em agoa, e botando-a no vinho, a mexei outro tanto; depois deixai iſto aſſim dous, ou tres dias, mexendo cada dia duas, ou tres vezes; depois coai eſta tinta, e uſai della, ſerve tambem para pergaminho.

Outro modo.

Para huma canada de tinta, tomai cinco onças de galhas, e quatro de ca-

 parroza,

parroza, e tres onças de gomma, e quatro quartilhos de vinho branco, o qual ſe repartirá pelos materiaes, que cada hum por ſi ſe fará em humas porcelanas, quebrando primeiro os materiaes: eſtejão aſſim quatro, ou cinco dias, mexendo-os cada dia; depois deſte tempo, tomai as galhas, e fervão em duas, ou tres fervuras, e depois de coadas por hum panno, eſtando aſſim quente, lhe lançai a gomma, e caparroza, e eſteja quatro dias aſſim, mexendo-ſe cada dia duas vezes; depois tornai a coar, e eſteja dous dias até que ſe aſſente, e logo ſe póde uſar.

Outro modo para pergaminho.

Para huma canada de tinta tomaráõ tres quartilhos de agoa doce, e hum quartilho de vinagre em huma panella nova, e deitar-lhe-hão dentro quatro onças de galhas, e quatro onças de caparroza, e quatro de gomma Arabica, as galhas ſerão machucadas, e a caparroza ſerá moîda, e tudo iſto junto eſtará de molho dez, ou doze

dias,

dias, e cada dia o mexeráõ; e depois deſte tempo, poráõ a panella ao fogo a ferver hum bom pedaço, e depois ſe ponha a esfriar, e coada por hum panno de linho, logo ſe póde eſcrever com ella, e he a melhor para pergaminho.

Outro modo.

Tomaráõ ſeis onças de galhas de Flandes, e quatro de caparroza, e tres onças de gomma Arabica, e huma canada de agoa de ciſterna, e poráõ eſta agoa com as galhas machucadas ao Sol, mexendo-as com hum páo de figueira, e dahi a dous dias lhe botaráõ a caparroza, e acabados outros dous dias lhe botaráõ a gomma, e depois ſe porá ao fogo, que dê huma fervura; e depois coar-ſe-ha por hum panno de linho, e uſe-ſe.

Outro modo, e mais commum.

Tomaráõ para huma canada de tinta preta, huma canada de agoa de ciſterna, ou de chuva, e quatro onças de galhas miudas, e creſpas, e eſtaráõ de molho dez, ou doze dias, com as partirem pri-

meiro em tres, ou quatro partes, e mexêlas cada dia; e acabado eſte tempo lhe potaráõ dentro na panella, que ſerá vidrada, tres onças de caparroza moîda, e eſtará aſſim com as galhas dous dias, depois deſtes dias tomai tres onças de gõma Arabica, bem pizada, ou liquida como mel, e eſtará aſſim outros dous dias, e acabado eſte tempo, porão a panella ao fogo, e ferverá duas fervuras; e depois a coaráõ por hum panno, e logo ſe póde uſar; e ſe quizerem que ſeja mais preta, botem-lhe menos agoa de ciſterna, do que digo no principio.

Tinta para pergaminho.

Tomaráõ de vinho branco ſobre o verde meya canada, e tres onças de galhas, e duas de caparroza, e duas de gomma, e farão como qualquer das outras tintas: advertindo, que no cozimento ſe lhe podem botar folhas de louro, ou caſcas de romaã, ou de nogueira, e pedra hume; depois muito bem tapada ſe porá ao ſereno por alguns dias, e uſar-ſe-ha.

F I M.